

A magnifying glass with a blue frame is positioned over a document with faint, illegible text. The background is a light, textured surface.

MICROLEITOR
ORGANIZAÇÃO

MICRO
Resenhas

PRIMEIRO E-BOOK DE RESENHAS
PUBLICADO EM ANGOLA



EDIÇÕES
HANDYMAN

SOBRE NÓS

Edições Handyman é uma editora pioneira, em Angola, na publicação de e-books, criada por estudantes do Curso de Língua e Literaturas em Língua Portuguesa da Faculdade de Letras da Universidade Agostinho Neto, em 2018, com objectivo de publicar livros electrónicos de cariz literário e científico. A editora conta já com sete publicações:

A Revista “O Fio da Palavra” em homenagem ao poeta Lopito Feijóo, (2018); a Antologia Poética Digital “Nós e a Poesia” em homenagem ao poeta João Tala, (2018), que conta com uma 2ª Edição em formato físico (2019); a Novela infanto-juvenil “A Palanca de Chifres Dourados” de Hélder Simbad, (2019); a Colectânea “Escritos de Quarentena”, a Antologia Poética “Volúpia das Palavras”, a novela “Ventre Negro” de João Tala e a 2.ª edição de “E lá fora os cães” de Nguimba Ngola publicadas neste ano.



MICROLEITOR
ORGANIZAÇÃO



MICROLEITOR

MICRO *Resenhas*

E-BOOK RESULTANTE DO CONCURSO "MICRORESENHAS", REALIZADO PELO MICROLEITOR.

Ficha Técnica

COPYRIGHT © 2020 BY
MICROLEITOR & EDIÇÕES HANDYMAN

COORDENAÇÃO EDITORIAL

GONÇALVES KIZELA
ADILSON GONÇALVES
MONIZ MÁRIO
RAS NGUIMBA NGOLA

PAGINAÇÃO E DIAGRAMAÇÃO

GONÇALVES KIZELA

IMAGEM DA CAPA

GONÇALVES KIZELA

REVISÃO TEXTUAL

ADILSON GONÇALVES

POSFÁCIO

TODOS DIREITOS RESERVADOS A
EDIÇÕES HANDYMAN

FACEBOOK

Edições Handyman

E-MAIL

edicoeshandyman2020@gmail.com

CONTACTOS

+244930456414

+244912180029

+244924375565

MICROLEITOR

MICRO
Resenhas

E-BOOK DE RESENHAS

O principal objectivo do Concurso MicroResenha foi fazer com que os leitores falassem das suas leituras e promover a leitura nacional (minha missão de vida).

Este e-book não é sobre críticos literários, mas sobre leitores comuns que expressão a sua opinião sobre determinados livros. Alguns com umas experiências e outros sem nunca terem escrito nada sobre um livro depois de uma leitura.

DILSON MARIA

Eliminatórias

Abraão César de Moura

Adilson Francisco

Glória Gaspar

Guiorival Carlos da Cruz Silva

Joana Miguel

José de Lima Manuel

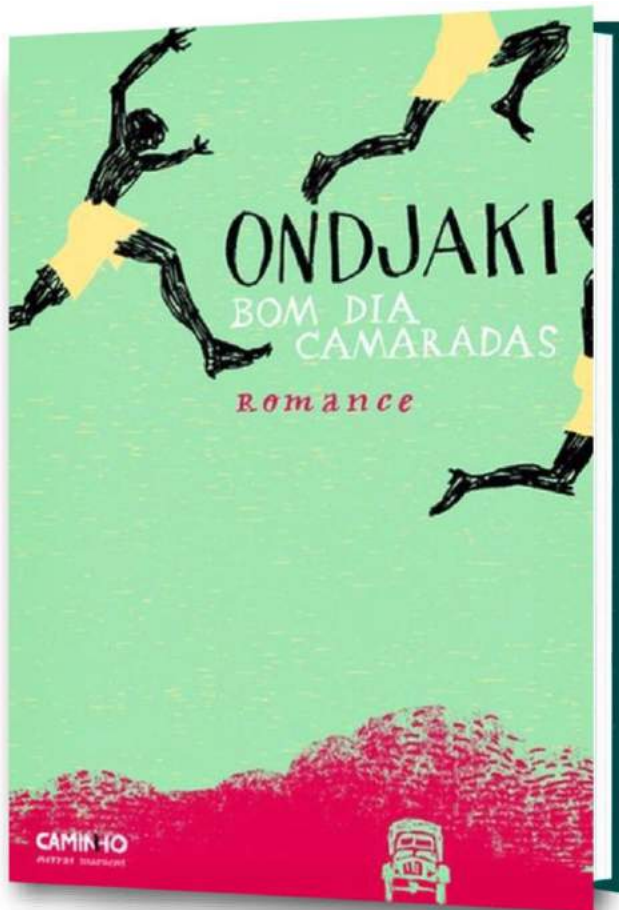
Jossue Bunga

Mad'alena Branco

Manuel Campos Miguel

Manuel Pedro Baca

Rosa Kangombe



Título do livro:

Bom dia, Camaradas

Autor: Ondjaki

Género literário: Prosa

Editora: CAMINHO

Edição: 2ª.

Ano: 2001

Formato Digital

45 Páginas

Título do livro:

O Homem que Plantava Aves

Autor: Gociante Patissa

Género literário: Prosa

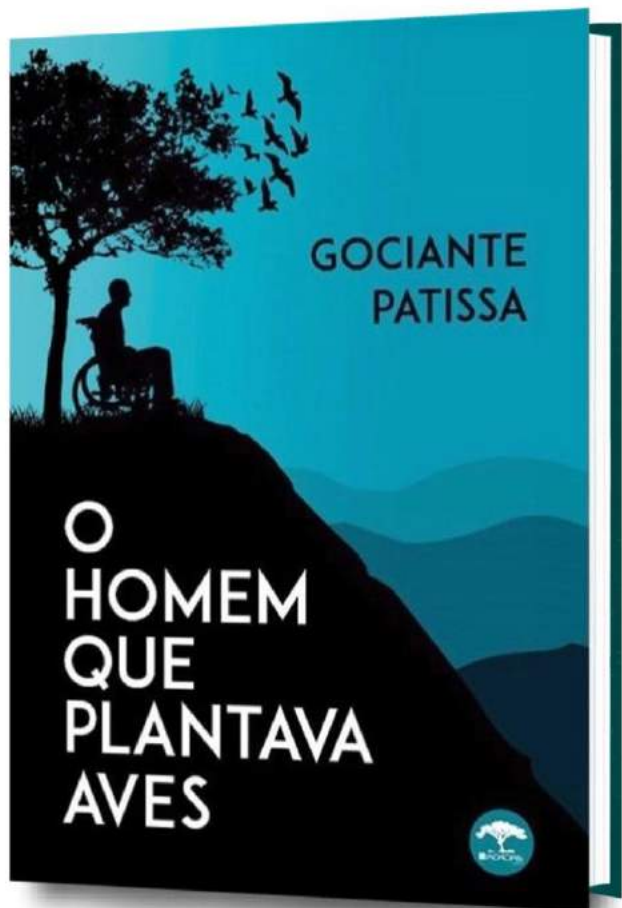
Editora: Acácias Editora

Edição: 2ª.

Ano: Novembro, 2018

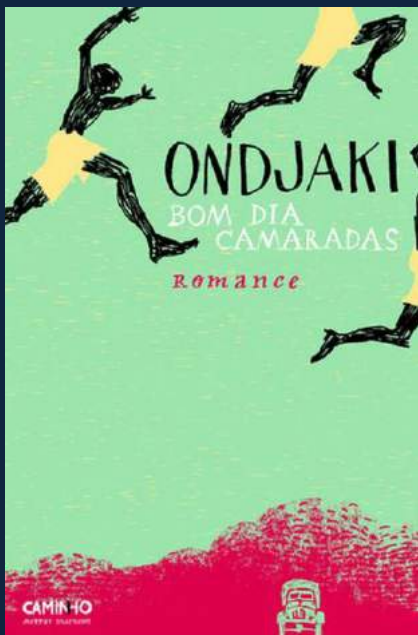
Formato Físico

158 Páginas



Por: Abraão César de Moura

Bom Dia, Camarada é a renomada obra do escritor angolano Ondjaki, sua primeira investida na prosa. É uma obra escrita em tom romanesco, de uma maneira satírica, para chamar à consciência sobre a intolerância política que outrora Angola presenciava. No mesmo gênero, isto é, romance, Ondjaki leveda o cansaço mental do seu leitor e desperta o interesse de cada angolano para com a Pátria. E, num punho desportivo e com uma linguagem popular que para Angola é uma linguagem corrente, Ondjaki relembra como era o seu passado, o passado de Angola com os cubanos e tantos outros cujos laços de amizades sempre foram para um interesse comum, solidarizarem-se com os povos e independentizar as pátrias com intuito de formar os seus homens pela liberdade.



Porém, a obra contém duas partes com 45 páginas cujos conteúdos obedecem uma sequência lógica do seu pensamento. Ora, no **Bom Dia, Camarada**, Ondjaki, como-vido com a situação outrora do país, interessa-se em expelir de maneira verbal a sua preocupação, clareando aos seus leitores que a paz é uma luta contínua e que tem o seu apreço na preservação da dignidade dos cidadãos e dos homens em geral. Para isso, Ondjaki clama por uma preocupação que versa pela justiça igualitária cuja intenção torna-nos mais livres e independentes de diversas convicções e o modo de nos manifestarmos. Tudo isto consiste no livrar da mentalidade de perseguidos dos seus concidadãos, **mas Camarada António, tu não achas que o país seja assim livre? De qualquer opressão dos seus nacionalistas e povos.**

Todavia, o papel de fundo, para Ondjaki, consiste em ver salvaguardados os direitos e deveres dos cidadãos no país e unirmos as forças para alavancar a transparência da liberdade e solenizar a paz em ambiente democrático, por fim, assentar as lutas. E a vitória certa será o repatriamento, o ceifar de todas as ambições pessoais e olhar no homem angolano como um outro irmão cuja identidade merece ser assegurada por todos envolvidos no país. ... **tu não achas que cada um deve mandar no seu próprio país?**, não na linhagem de xenofobia. A preocupação com a responsabilidade patriótica que cada um é chamado a responder ao ofício confiado de velar e cuidar do país segundo os critérios de filhos (a pátria não implora

MICRO RESENHA

aos seus filhos, ordena), pois, esta tarefa não é mais senão a razão de reciclar a modalidade de vida; à livre circulação e rejuvenescer no Homem a capacidade de reflectir e lutar pelos interesses comuns que, por sinal, deve ser recíproco, como a educação, concomitantemente o direito à defesa (Ondjaki fala de FAPLA), cuja incumbência responde ao asseguramento dos cidadãos e da pátria e não uma ameaça aos seus senão sossego; a acessibilidade aos preços comerciais em conformidade ao modus vivendis de cada individuo... falir nos cidadãos o medo de abordar as suas convicções, por ser uma virtude. E assim, caminharmos com verdade e justiça. Assim sendo, Ondjaki, segue o seu pensamento optando por uma relação intrínseca que orienta a igualdade de ambos (povo e governo) que preservam toda a gestão do país e interesses dos cidadãos. Isto é, a descentralização de poderes (o interesse dos portugueses, cubanos, a reserva da praia soviética cujo lazer tem a sua raiz em Angola e tantos outros), mas que prevaleçam os laços de amizade, e alcançam-se os interesses e a liberdade dos cidadãos, e desoprimir a inocência dos justos, embriagados pelo futuro da nação e que são obrigados a fugirem do **caixão vazio** que jamais devolveu a alegria senão desnutrir a formação dos petizes. Nisto tudo, Ondjaki, na voz de menino, se entretém prescrevendo uma paz que há-de chegar com o seu olhar porque é o olhar que comunica a inocência do justo e retrata a perseverança da vida.

As vezes numa pequena coisa pode-se encontrar todas as coisas grandes da vida, não é preciso falar muito, basta olhar.

Talvez, seja ali que a perspectiva do progresso trespassa os horizontes da razão, laudatando a legalidade da dignidade alcançada com materiais de pazes (palavra, diálogo e mobilização, etc), suportando as barreiras dos espinhos encontrados nos caminhos e enfim... assim sendo, o repouso do fardo é a tolerância política e coubermos no mesmo colo da democracia e com o mesmo rosto maquiados de liberdade, alcançamos a paz, e a vitória será sempre certa! Portanto, a responsabilidade consiste em salvaguardar os interesses do país que visam à liberdade de expressão, de circulação e banir qualquer infortúnio que atentam contra a dignidade dos cidadãos. Assim, a causa da luta será uma certeza conjunta com o propósito de favorecer a justiça no todo que é a vitória para todos.

Recomenda-se ter uma viagem com Ondjaki. É um dos sem igual e incansável escritor que se curva diante das vicissitudes de cada cidadão. E, como toda e qualquer leitura desperta, Ondjaki, no **Bom Dia, Camarada**, reabre e reabilita o seu leitor em transcender a razão com verdades concretas. Lê-lo atrai a história, relê-lo retrai a sensação da história que subentendia qualquer leitor quando sem o primeiro contacto com o manual. Um romance feito com uma linguagem desportiva, de modo sorridente, Ondjaki acalma a mente do leitor e conecta o seu passado com a pequena história de Angola vivenciada. Recomenda-se!

Por: Abraão César de Moura

Obra de sua excelência escritor Daniel Gociante Patissa, de nacionalidade angolana, província de Benguela, município de Bocoio, comuna de Monte Belo. Obra tecida num modelo fictício e num género prosaico, indagando a narração histórica de um povo rural que, por sinal, enfrenta várias vicissitudes de preconceitos sociais. Ora, a conjugação narrativa da obra desagua no título que condecora a obra, **o homem que plantava aves**.

Patissa, na sua serena e modesta articulação, tece satiricamente, apoiando-se num modelo de linguagem leve que compõe uma veia humorística intelectual sem digressão, escorrendo num único modelo de pensamento, suavizando a crítica social de uma forma muito inteligente. Atrevidamente, Patissa traz à ribalta um modelo crítico de uma construção social que versa pelos valores humanos que desconecta as injustiças e livra o homem de quaisquer preconceitos que assolam a continuidade de uma sociedade mais justa.

Todavia, Patissa, pela sua fidelidade à língua nacional (Umbundo) e num tom acentuado de humor, enfatiza e aproxima as perspectivas dos homens a acreditarem numa sociedade cuja esperança deve ser o *vade mecum* para todos sem denegrir nenhum homem (que é o centro de todas as atenções sociais) dependentemente do *status questionis e socialis* de cada um. Assim sendo, a obra está constituída por catorze temas e uma fábula, numa sequência de 158 páginas cujos conteúdos sob a autoridade de um único pensamento lógico, Patissa, revendo-se no **Homem que Plantava Aves**, inquieta-se com a realidade que vê e faz uma introspecção, posteriormente verbaliza sobre a mesma verdade cuja ocorrência tem o seu palco nas comunidades rurais. A ociosidade dos homens e a humilhação desfavorável sem pensar nos possíveis constrangimentos que afectariam a outrem a que se refere o título **A meia viagem do Senhor Serviço**. Perante estas situações, Patissa, no título que consagra a obra, manifesta a generosidade de voltarmos ao tempo, aprendendo com as comunidades mais rurais no que concerne ao direito do dever e a garantia da justiça. ... **É sobre a honestidade e honradez que se constrói uma sociedade**. Dali, o papel de fundo emerge na solidariedade e no grito de socorro que cada um carece. Portanto, são nestes



MICRO RESENHA

moldes que surgem aquele ditado em Umbundo (*kwata ko lukwene, lika hyove tchiponhoã*)¹, porque o ser humano não é sem pertencer.

Porém, esta realidade é a garantia intrínseca da aproximação da semelhança do ser cuja presença reflecte bondade e caridade no ser de cada homem, seja qual for o grau de estudo e o gordo vocabulário que assegure o alto nome de um indivíduo, a estabilidade laboral e o mais miserável indivíduo cujos preconceitos, os complexos e o analfabetismo consomem-no. A inclusão é o protótipo da esperança, tendo o homem no centro das atenções, mortificando o desespero com o diálogo efectivo para não cairmos na ociosidade que contradiz as nossas ricas culturas com os seus diversos atractivos. Para tal, desacreditar no homem uma tarefa cuja prática envolvem intenções bélicas é a preocupação de Patissa.

Mas, cada missioneira, estamos sujeitos a morrer. A pedrada, à faca ou a tiro ou a quê... Mano, alguma coisa me diz que deveríamos continuar só mesmo segurança. Esse outro lado já deu. Vamos morrer mesmo à toa. Nesta vertente, o trabalho injusto é a descontinuidade da dignidade que se pretende conquistar, embora o homem seja o seu pensamento de realizações. Mas, uma vez integrado na comunidade e susceptível a falhas, é aconselhado, por sensibilização, cartilhas ilustrativas para prosseguir nos carris adequados. É o único problema de mutilar a vaidade da pobreza intelectual e não só, nas comunidades, e afagar no homem o desespero do seu humilde denário, quando o seu serviço lhe devia garantir a sua honesta dignidade.

Portanto, para Patissa, o interesse para com o homem, nas comunidades, é a prioridade que se deve ter, centralizando-o todas as atenções. Isto é, denunciando todas as injustiças, hipocrisia e irregularidades que beliscam a sua convivência nas comunidades e nos sectores laborais.

Em suma, viajando com Patissa, aparenta-se tomar um suco cujo sabor jamais se desdenha. O humor inteligente e o discurso saudável acentuado na obra, perfura a mente envaidecendo a nossa inteligência. O renomado neutraliza o cansaço fazendo bricolagem com a expressão Umbundo e fumeça o desespero com a canção:

Ukãï wassoma ka la wala onanga etali wayiwala²... A intenção é incluir o alvo leitor ao conhecimento de diversas culturas.

¹ Juntemos as forças com os outros, sozinho escamos.

² A mulher do chefe nunca foi a de usar panos, mas hoje está a usar.

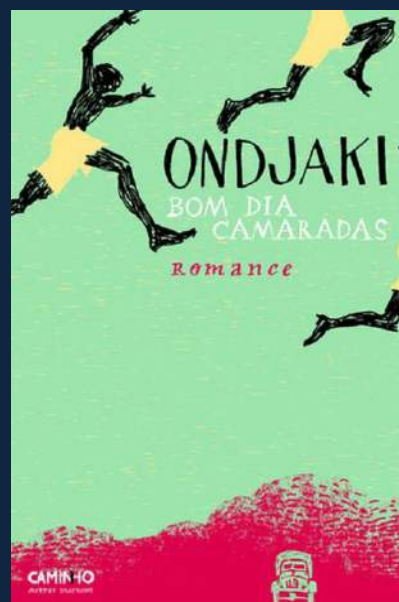
Por: Adilson Francisco

O romance **Bom dia, camaradas** traz à tona os momentos pretos e brancos, altos e baixos, o sim e o não, o prós e o contra e as mentiras e verdades vividas no centro da cidade capital, Luanda, até aproximadamente o ano de 2001 ou 2002, narrada na pessoa de um menino que desde cedo preocupa-se em ir além das informações fornecidas pela zona de conforto. Menino reticente, interactivo e sempre de boa conversa para com todos, principalmente com o camarada António.

Camarada António é um dos funcionários da casa do menino que tem a cozinha como seu campo de actuação. Ele é quem está sempre do outro lado da comunicação bilateral criada pelo menino. Bom criado que é, tipo de trabalhador que todo patrão gostava de o ter: pontualidade, organização, higiene e assiduidade em primeiro lugar. Sempre pronto para tornar o dia da família do menino produtivo e que tem sempre vinte minutos para o término das tarefas. As companhias matinais em grande escala que o menino fazia ao camarada António antes de ir à escola, a forma amena do camarada António defender os tугas e de responder as questões do menino, aos poucos, deu-lhe asas para voar, despertando-lhe a razão, tornou-lhe num observador-critico das várias situações sociais com que se deparava na altura.

O menino recebe convite para dar entrevista na RNA, mas com um discurso elaborado por outrem... depois de muito tempo de comunicação à distância com a tia Dada que vivia em Portugal, recebe a notícia que, felizmente, ela virá para Angola e que, o menino junto com as irmãs, tinha o privilégio de fazer pedidos de algumas coisas. Postos no aeroporto para recepção da tia Dada, depararam-se com um acto tanto quanto desumano que automaticamente inibiu-o de ser fotografado com a tia e mais um outro menino que pairava no aeroporto com um macaquinho para sessões fotográficas aos turistas.

Um dia foi suficiente para a tia Dada repousar. O camarada João, um motorista do ministério que também prestava serviço à família por intermédio do pai, engajou-se na preparação. O menino e a tia Dada, juntos, saíram para umas voltas e conhecer alguns pontos e espaços da



MICRO RESENHA

cidade que acolha a **KIANDA**. Em pleno turismo amador, a tia Dada quase que mata o camarada João e o menino de susto por não querer sair da viatura enquanto passava uma comitiva do governo. E quando chegam na praia, a tia fica ainda mais estupefacta pelo facto de existir praias privadas\reservadas aos soviéticos no solo angolano... isso leva-lhes a um profundo diálogo sobre os dois países.

Com algum lado em paz e outros em guerra, uns com fome e outros com a pança cheia, nessa época o país recebeu um número elevado de cidadãos cubanos prontos a ajudarem o país em diversos sectores e a sair do abismo causado primeiro pelo jugo colonial e depois pelas dificuldades causadas pela guerra civil. O menino e os demais da sua idade tiveram oportunidades de desfrutar das aulas, do conhecimento, da terapia e do apoio socio-emocional dados por professores cubanos, em especial o casal de professores Angel e Maria que com os tais, o menino e os seus colegas Bruno, Mortala, Luaia, Roménia, Kali, Cláudio, Petra e demais, criaram afecto por eles, festejaram juntos e inclusive ofereceram-lhes presentes quando se aperceberam que eles regressariam ao seu país.

Como cidadão luandense e estudante na altura, o menino não escapou das atrocidades, dos vários fenómenos, das mentiras e das lendas criadas para quaisquer fins. Também foi vítima de uma das lendas mais viral na cidade: o caixão vazio.

Para sua pouca sorte, no último dia de prova do ano lectivo, todavia, considerado como dia de despedida, primeiro perdeu de vista alguns colegas - alguns com e outros sem abraços e despedidas se quer. Assim sendo, restou-lhe borrar as paredes da escola com nomes e desenhos humanos. Dessa feita, regressava para casa alegremente na esperança que encontraria o camarada António a recebê-lo com os gestos habituais, mas encontra um cenário melancólico. A esposa a lamentar a morte do marido junto da sua mãe e as irmãs. Camarada António estava morto.

Essa má notícia fê-lo lacrimejar. Volta e meia conectou-se com o seu **EU** no outro lado do quintal até a chuva decidir regar a terra e ouvir barulhos de tiros pela reconciliação. **A PAZ CHEGARA EM ANGOLA.**

Essa não é uma narrativa qualquer. E dizer que é igual as outras, estaria mentindo ou dando uma opinião ocultando o meu **EU** leitor, pois é uma narrativa sem igual. É aquela bela flor do jardim literário angolano - distinta das demais. Trazendo uma fragrância própria e aromatizando a mente de quem nela navega. Feita uma bússola, dando norte a quem decidir entender um pouco do passado angolano, mesclando o surreal das inocentes almas das personagens, umas sem saber, influenciando as outras.

MICROLEITOR

A viagem agridoce que esse mar literário me proporcionou, aumentou a comunicação, desligou-me das informações do mundo a fora, trazendo uma sensação meiga, cardiou-me a sensatez: o mundo parou de girar, as estrelas pararam de brilhar.

Ondjaki apimentou perfeitamente os factos, refrescou sem igual as falas das personagens, narrou com exactidão sem perder a lógica cronológica. Prende a atenção de quem lê, desde o princípio até ao fim da narrativa, faz viajar no tempo mencionando lugares, estigas, lendas e um conjunto de palavreados de matriz *mmangolê*. (...)

Com sua forma idónea de fazer valer a escrita, é um tanto quanto impossível descobrir num pestanejar as suas obras, qual a sua inspiração. Pois, é de admirar a forma suave e inteligente que o autor demarcou ao tratar assuntos sócio-políticos, sem que seja mandado calar a boca e fechado as portas no país governado por políticos sem políticas. Narração feita a brincadeira!

Apesar da diferença na idade e a condição social, Ondjaki mostra-nos aqui, que todos podemos ter uma relação saudável com quem quer que seja, exaltando o nosso ser e simplificando o nosso ter:

- hoje é prova de quê?
- de língua portuguesa.
- hum...
- camarada António...
- diz menino.
- já ouviste dizer que os cubanos vão embora? (p. 37)

Nessa obra, pelos traços lineares na sua forma de fazer activismo, ousou afirmar que Ondjaki passou por processo de escrutinação, verificou e estudou os factos para poder trazer com veracidade as práticas de quem lança fora a opinião pública ou de quem nem se importa com as reclamações dos cidadãos. De maneira plausível e compreensível, faz menção de hábitos velhos, mas com novas formas de actuação:

- aquilo ali no tapete de receber as malas demorava tanto, às vezes até desaparecia bagagens e não valia a pena ir refilar com ninguém, era mesmo uma questão de sorte ou de azar, como dizem, os mais velhos. (p. 13)



Júris do Concurso “MicroResenhas”

Por: Adilson Francisco

O **homem que plantava aves** é uma narrativa ensaboada com detergente lunar de um mosaico cultural, enxaguada com o líquido precioso afro-centrado, e com abordagens sondadas maioritariamente ao povo ovimbundu. Esse que é o grupo étnico-linguístico que ocupa a parte sul do país - Angola. Narrativa com humor 100% nacional, embora demarca tempo e espaço estrangeiros de repúblicas vizinhas por fronteiras terrestre e aérea, algumas com saudações lisonjeadas e outras com bel prazer na arte turística e desenvolvimento na infraestrutura.



Aqui, Gociante Patissa é grato as suas origens. Escrita assente em catorze contos e uma lenda, uns com temas livremente convidativos, outras narradas por personagem homo e heterodiegético que, sem necessariamente o uso da persuasão literária logo no princípio, acabam por envolver o leitor em tão pouco tempo. Estórias desligadas da ociosidade, cada uma contada a sua maneira e estilo literário diferente, princípio e fim envolvente e contagiante, personagens devidamente criadas e facilmente identificadas, espaços e momentos bem aproveitados e explorados, caminhos detalhados mas com objectivos alcançados, linguagem ligeiramente compreensíveis e com gritos no silêncio de línguas angolanas plausíveis.

Quer sim quer não, é uma autêntica descrição de um passado recente, de um presente conciso, inédito, paródico, igualmente aos três, satírico, e, imaginariamente, de um futuro inenarrável.

Em uma sociedade moderna, essa obra faz uma mistura de hábitos e costumes, novos e antigos, exalta a verdade tradicional repugnando o lado improdutivo e mostrando a sabedoria dos nossos anciãos mediante o curso social. A teimosia juvenil, o imediatismo, a ambição desmedida e a ambiguidade nas várias idades quanto ao engajamento de cada época.

Sem o uso da mesmice, essa obra espelha uma rica herança cultural e preserva o que é nosso pela sua maneira de fazer valer a escrita dando mais voz à literatura angolana.

MICRO RESENHA

Nessa narrativa, o autor mostra um pano de fundo da nossa sociedade muito profundo. Mostra que é impossível viver, ver, ouvir e calar e\ou não escrever numa sociedade cheia de atrocidades e dificuldades. Uns com tudo e outros com nada:

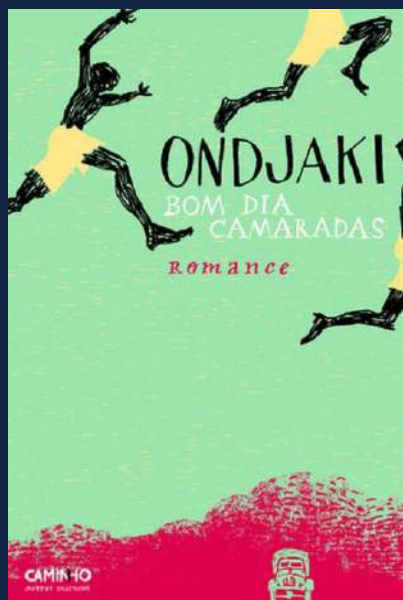
o povo queixa-se, sempre, é sua natureza. Há médicos, aqui nascidos ou requisitados do estrangeiro, que plantaram morada fixa na boca do povo, e não é pelas agulhas, comprimidos, nem pela empatia. Boa fama não vem quando a nascente é o hospital de Benguela, o geral, erguido as esperanças do povo, muito deles sem fôlego para galgar a tesouraria de uma clínica. Como se degradasse pouco a barreira que é o pavilhão internacional, o povo que, como bem se diz, nasceu com o dom natural de reclamar, às vezes porque sente, às vezes porque já não pode com médicos talhados a comerciantes da dor do próximo. É-lhes admirada frieza de quem condiciona o atendimento da maioria, desde que qualquer singular lhe adorne a impunidade com umas dezenas de milhares de kwanzas. pág. 66

Gociante Patissa ingeriu alguns copos de álcool literário, ficou extremamente embriagado de imaginação, aproveitou-se dessa e do uso da liberdade artística. A audácia não se desligou de si, influenciou-o na ficção, fê-lo brincar com as palavras para alcançar o seu objectivo, assim, suscitando mais profundidade por parte do leitor:

na sua realidade, porém, o homem renascia em cada manhã, prostrado e de mãos levantadas para o céu. Não era o único. Bairro emergente na periferia, onde a electricidade é mito, o combustível foge do alcance para alimentar gerador, as pilhas esquecem-se da lanterna. O grande medo é que a noite dure para sempre. pág. 119

Por: Glória Gaspar

Ondjaki, com **Bom dia, camaradas**, dá-nos um show de eloquência e com as suas palavras e mente mágica expõe a inteligência sagaz dos jovens. A inocência criativa, gerando assim um mundo a parte dentro da história, uma visão divertida sobre um dos momentos de maior alegria e apreensão na história do país. Palavras que alegram os corações saudosos da infância e da mocidade, das vivências intrépidas e corajosas de momentos regados à felicidade e camaradagem. Um livro que, com certeza, do maior ao menor, todos deveriam ler.



É como reviver algumas experiências de escola, são épocas diferentes, mas vivências tão similares que é como ter um *déjà-vu*, traz lembranças do convívio com os colegas e até das histórias de grupos que aprontavam o terror causando medo na mente fértil dos jovens, dos desejos para o professor não aparecer para ter uma borla. É incrível como muitos anos depois compartilhamos experiências com os nossos pais e tios e que através deste livro temos uma nova visão de como foram esses anos e as suas infâncias. Tem uma mistura do calão tipicamente *mmangolé* com o português que dá um toque todo diferente a narrativa e que faz a história ainda mais cativante. É uma surpresa de palavras em cada página.

Da camisola amarela-rototota, a barriga enorme do Mur-tala podia se ver, bem inchada. O muadiê tinha ficado preso e não conseguia abandonar o esconderijo. O Cláudio começou a rir à toa. Ou então: — Não sei tia... Aqui em Luanda normalmente só temos fontes, assim mesmo a sair água com força, quando rebenta algum cano...

É impossível ler o livro inteiro sem dar umas boas risadas. Assuntos de suma importância, mas que ganham um olhar mais leve pela perspectiva de um jovem em amadurecimento, curioso e que não tem a visão manchada do mundo.

Este livro é o mais cômico que eu já li, é uma mistura de inocência e gozo que é incrível, é passar por todos os pensamentos e vivências sem filtros; mostrar a realidade pelos olhos de alguém tão jovem, o controle exercido pelas forças de segurança, a própria incerteza dos dias que se vivia. E ao final do livro a um quê de nostalgia e tristeza que contagia e leva o leitor a uma reflexão sobre

MICRO RESENHA

as despedidas e fez-me chegar à conclusão que o tempo é tão curto e passageiro porque assim o fazemos parecer, e é nos bons momentos em que nos devemos apegar, mesmo que essas memórias nos entristeçam, são memórias que devemos guardar bem fundo na mente para que em dias tristes possamos nos regozijar e chorar de alegria, fazendo com que o tempo que passamos junto à pessoa que já não está ao nosso lado seja eterno.

Por: Glória Gaspar

O *homem que plantava aves* é um livro soberbo, com altos e baixos, oscila entre temas sóbrios e mais cômicos.

Conta as histórias passadas em um dos momentos mais negros do país, revela como os mais humildes na história de algumas poucas pessoas lidaram com os momentos que se vivia.

Elas fazem uma viagem por Angola, entre o período da guerra civil e os anos actuais.

O livro fala abertamente acerca das *malambas* nos hospitais, as *makas* na comuna, as arrelias de casa entre familiares e retrata temas como o machismo, como o homem é visto pela sociedade e o lugar das mulheres e a representação delas nessa mesma sociedade.

Dá um outro contexto a alguns tabus que a sociedade ainda tem. E dá voz à cultura e aos costumes mais antigos.

Eu julgo muito um livro pela capa e pelo título. Adorei a capa deste livro e o título achei bem intrigante, chamou bastante a minha atenção, mas entrei sem expectativas na leitura.

Durante a leitura, em alguns momentos entretive-me e e noutros aborreci-me, ou melhor, há conto que não capturou a minha atenção então me vi em um dilema no meu parecer, mais ao fim do livro.

As palavras começam como águas turvas que vão se acalmando no decorrer da leitura em que a impureza vai assentando e vê-se o sentido do conto no final, como que um remate certo para confundir e aguçar o leitor.

E em cada conto a um sentido a ser descoberto, fazendo o leitor abrir a mente para infinitas possibilidades.



MICRO RESENHA

A língua nacional foi bastante usada, dando, assim, uma autenticidade e maior valor cultural as palavras e ao seu significado.

O incrível (ou, talvez, triste, nesse caso) é que aprendi mais sobre a nossa cultura, línguas nacionais e tradição neste livro do que na escola ou na minha vivência familiar, o que nos mostra o lugar que a tradição ocupa nessa nossa vida corrida e aculturada.

Os contos retratados neste livro de alguma forma recordam-nos o que é ser angolano e como é ser angolano. Estamos tão habituados a importar modo de vida que, por vezes, nos esquecemos o que somos, um povo com tanta história que seria difícil conseguir contê-la em um só livro, mas o autor deu vida a essas histórias.

Escreveu as acções e descreveu as reacções, fazendo o leitor reflectir.

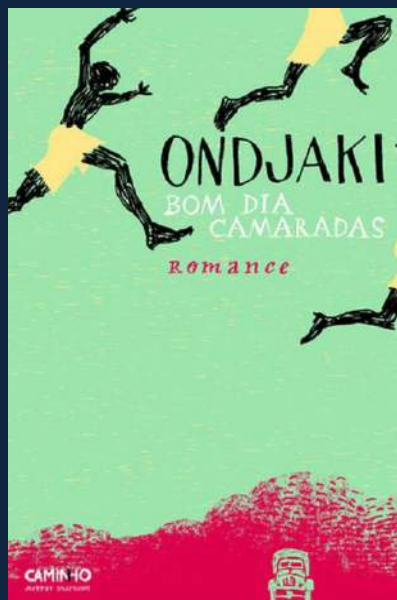
Em suma, esse livro reafirma o que o ditado diz: **Cada acção tem uma reacção.**

Por: Guiorival Carlos da Cruz Silva

Bom dia, Camaradas é um romance histórico forjado no realismo inserido no enredo com narrador autodiegético, onde o mesmo narrador-autor é um menino na flor da idade, tinha o jardim de acontecimentos históricos, o mesmo em fase de crescimento, e já em construção de virtudes filosóficas e políticas, transporta-nos para uma época do pós-independência, mas onde num ambiente nacional eclodia a guerra-civil.

Ndalu de Almeida, cujo pseudónimo literário é Ondjaki, oferece-nos de um modo magistral e genial a obra **Bom dia, Camaradas** onde o enredo se desenrola com geohistoriedade Luan-dense. O morfema geohistórico remete-nos a um panorama significativo afecto ao espaço geográfico Angola-Luanda, e suas histórias que nos impelem a constantes reflexões e questões políticas e socialmente pertinentes, tal como o menino indagou: - **Mas camarada António, tu não preferes que o país seja assim livre?**

A independência era utópica, nem tudo era do povo, existia até praia dos soviéticos, mas o menino indagava-se se existia uma praia dos Angolanos na União Soviética. O menino vislumbrava tempos bons para um país independente, enquanto António o funcionário lá de sua casa, sorria e esclarecia para um país independente, enquanto António o funcionário lá de sua casa, sorria e esclarecia para o menino como era o tempo colonial, por vezes sorria, uma atitude inquietante porque revelava mistérios de quem pela idade a razão lhe cabia como uma lâmpada iluminando o seu ser patriótico. Pela audácia que servia de apanágio, o menino de certa forma acreditava em tempos áureos, sabendo que o presidente é Angolano e que o poder será popular. Mas a conclusão a que chegará seria: **então também percebi que, num país, uma coisa é o governo, outra coisa é o povo.** Por este pensamento, conduzimo-nos a realidade da não democracia, onde o povo é que tem o poder, isso sim era utopia, pois nem havia a liberdade de expressão, vimos isso por meio de um órgão de comunicação social nacional que, em uma data especial, decidem convidar meninos para fazerem uma redacção e lerem, mas, postos lá, não puderam ler o que prepararam, havia uma mensagem para cada um ler. Num sentido *sine qua non* a censura nos média sempre existiu no



MICRO RESENHA

modo linha editorial, um verdadeiro **Fala o que queremos ouvir, e nunca o que realmente deves falar.**

A escola é um local de ensino e aprendizado a medida que vai proporcionando um desenvolvimento intelectual, cultural e social. Na mesma obra, este local ou casa de sabedoria é um palco de intermináveis acontecimentos que demarcam toda narrativa. É lá onde se falava da vinda do **Caixão vazio** um mito urbano que se associava ao misticismo e radicalismo terroristas que violavam e matavam. Este mito remete-nos à análise psicológica dos personagens, os efeitos que causou devido aos tumultos do caixão vazio, num clima de guerra civil, o caos e o medo instalara-se em meio a sociedade. Mas verdade se diga, nunca chegou a existir, pois eram apenas boatos, talvez uma forma de fuga as aulas.

Podemos, então, verificar a língua como veículo principal para comunicação. Com uma linguagem popular, alguns personagens verbeam léxicos que assinalam uma angolanidade: **Vou dar**, que significa ir embora. **Baldar** que significa mentir, aldrabar, etc. Transcende o padrão, e mesclando humor linguístico, no caso de se ler **Chê Kingue** como dizia o tio do menino.

O romance não escapou do dizer poético, subjectivo e belo: **a água é que traz todo aquele cheiro que a terra cheira depois de chover, a água é que faz crescer novas coisas na terra.**

A revolução e a busca de uma pátria sólida e concisa nos meandros socialistas era o que o aparelho do estado almejava por meio de políticas progressistas, um revolução implantada por Che Guevara e sequazes cubanos, que sonham em um país melhor juntos e para os Angolanos, onde a disciplina e rigor patriótico seria a chave para o sucesso do desenvolvimento do país.

A obra, nas entrelinhas, subentende-se a leitura verossímil de uma Angola independente mas em guerra, onde algumas práticas reprováveis já emergiam pela cidade, desde as cerimónias quando passava o Presidente. Outro fenómeno é a corrupção no dito esquema gasosa em troca de favores. Na semiótica, este signo ultrapassa o carácter de refrigerante e vai noutras conotações. Na obra aparece como suborno a fim de que se ouvisse a verdadeira história da não existência do caixão vazio.

É impossível enterrar a infância e as memórias de guerras. Pelos ecos faziam-se ouvir ainda os gritos de guerras. Nos factos, sabia-se apenas que o amanhã seria incerto nos dissabores de lutas de poder, deixando marcas nítidas nas memórias até das crianças, os seus desenhos traduziam o que a alma ressentia na dor dos mártires, chacinas e genocídios, esquadrinhando este cinzento céu desenhavam com a legenda guerra: **desde a quarta classe, toda a gente desenhava coisas**

MICROLEITOR

relacionadas com a guerra: três pessoas tinham desenhado akás, duas tinham desenhado tanques de guerra soviéticos, outros fizeram makarovs...

Bom dia, camaradas é um livro que a leitura não termina no fim da última página, a medida que vamos lendo o país, os factos são susceptíveis, as releituras e interpretações escusadas de utopias e demagogias, pois a revolução implica que:

Num país em reconstrução era preciso muita disciplina. Ele também falou do camarada Che Guevara, falou da disciplina e que nós tínhamos que nos portar bem para que as coisas funcionassem bem no nosso país.

Às vezes numa pequena coisa pode-se encontrar todas as coisas grandes da vida, não é preciso explicar muito, basta olhar.



Os Júris, os Finalistas e o Coordenador do Concurso “MicroResenhas”

Por: **Guiorival Carlos da Cruz Silva**

O **Homem que plantava aves** é uma miscelânea de catorze contos e uma fábula do escritor Gociante Patissa, de prosa indelével e pena de tirar o fôlego com deslumbrantes letras, o autor reescreve todo um mosaico cultural, antropológico do seu meio, o sul de Angola, segundo a qual este espaço é um lugar onírico, a sua pátria. No rubro da obra, as acácias vão florindo não só no modo editorial, mas como a terra das acácias, em que implicitamente se desenrola toda génese narrativa do autor, mesclando a sua tradição oral, a sua língua Umbundo como identidade do seu povo, entre provérbios entrecruzados que dão o ar da graça à sabedoria ancestral passada pelo veículo importante - a valorização das línguas nacionais.



O homem que plantava aves atravessa a fronteira ideológica e trilha o caminho segundo o qual **Não é com pernas que corremos, é com o pensamento**. Lição retirada do conto que dá título à obra, num paradigma actual e remoto, o preconceito é visto como um câncer social, e que as crenças influenciam no modo como absorvemos e observamos o mundo, como pode levar-nos à segregação. **É que nessa aldeia, distante do nosso tempo, havia espaço para tudo, menos espaço para felicidade de pessoas com deficiência.**

De certa forma, a obra transcende até o poder jurídico. Em breves relatos, é bem visível a cepticidade que temos sobre este poder, exercido com morosidade e burocracia acentuada, podendo-se ler no conto: **A que ponto chegamos, oh minha vida!** Tal conto narra a história de uma mulher cujo marido encontra-se detido (in)justamente, e, aqui, o dizer do marido quando posto em liberdade **Os tribunais são como os funerais, vestem-se de negro e andam devagar.**

As dissonâncias da terra, cuja guerra configura-se como memória intemporal abrigasse na alma de muitos filhos desta pátria, em Nossa luta, vossa luta, trazem a pólvora da prosa, e uma arma literária a disparar respaldos da guerra civil em Angola, ou da guerrilha fratricida: **Na frente mata-se e morre-se, de maneira desalmada (...)**

MICRO RESENHA

Louvadas sejam as palavras de ordem. E as balas. Uma estupidez sem tamanho nem prazo. Assim é a guerra, aqui ou em outra parte...**O pior de uma guerra é começar precisamente quando ela acaba. Tem vida autónoma, geralmente mais longevidade e transversal do que o decreto.**

O conto **O chefe e os homens** traz como reflexão intrínseca textual o abuso de poder em várias esferas sociais, mormente no aparelho de estado, em vista de ser exonerado por má conduta, o compadrio do chefe faz com que não se dá tal punição disciplinar, o que levou os outros a acreditarem ainda mais que a política é suja.

Num outro diálogo do conto **A rua das empregadas**, lê-se: **Os piratas são iguais aos políticos, só que uns roubam protegidos pela coragem e os outros roubam protegidos pela lei.**

Uma obra plural, abrangente, significativa para o *modus vivendis* desta pátria, suas lutas, vitórias, utopias, demagogias e lições que o tempo torna flexível em preservamos na nossa memória colectiva. A razão da existência sustenta-se nos pilares da sapiência ancestral, um passado renascido neste livro de contos, de um hoje trilhando uma busca de um amanhã cintilante. Satírico, introspectivo, sarcástico, e parodista, **O Homem que plantava aves** é um baluarte linguístico com realce ao Umbundo, numa perspectiva as tradições orais, os hábitos e costumes, os adágios na formação do homem, as canções ao ritmo do culto à natureza, as figuras míticas: **Ocingari** (por essência ele é canal de intercessão com o além).

A Lenda do Soberano Ndumba, resguarda em si uma pintura textual à guaches de uma Angola em processo colonial, os cipaios. A escravatura e, além do mais, a bravura do povo que protestava, com canções: **Ukãĩ Wasoms ka ls wala onanga...** um rouxinol que nos molda afim de termos verdadeira consciência do papel das canções interventivas, de ordem antropológica e sociológica. A obra é um antro de espiritualidade cultural africana, desmistificando o poder da canção.

Apesar da sua beleza estética e contagiante ritmo, **sulunlã** nasceu da mágoa social e é indicador da perda de legitimidade que grassou entre autoridades africanas. Naquele contexto, a ostentação de vestes ocidentais pela mulher do Soba, a par do desvio da identidade, foi considerada um acto de corrupção material. Mas não faltou quem às tantas censurasse a censura, qualificando-a de infâmia e contraditória mesmo quanto ao papel da canção enquanto instrução para vida.

A vida seguramente dá-nos lições que se bem aprendidas trilhamos o caminho da paz e liberdade, que sejamos tal qual aves plantadas alçando os voos que a obra nos dá por meio do fantástico e modo natural com a naturalidade subtil que se granjeia quando olvidamos de obras deste calibre. A moral e a ética perseguem a boa vivência na sociedade. Os contos, alguns trazem-

MICROLEITOR

nos a alegria de pudermos lê-los e outros a alegria de puder vivê-los, directa ou indirectamente. A honra, a responsabilidade é levantada na obra como um factor imprescindível - A repreensão dos demais aldeãos era automática, tendo em conta que é sobre a honestidade e honradez que se constrói uma sociedade.

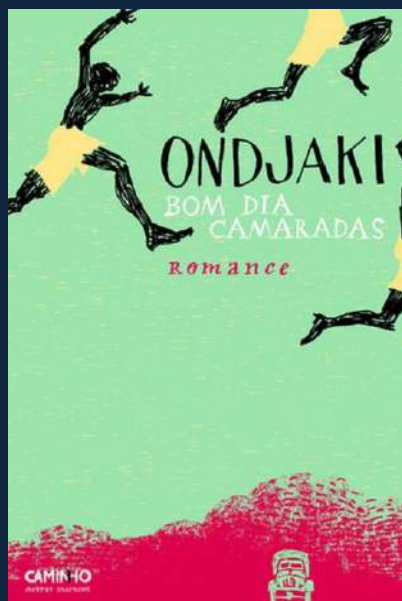
U olevelisa eye onjaki - adágio umbundo que significa aquele que empresta é confusionista. Em guisa de introdução, *A Dívida* é um conto radiografando a enfermidade não só pessoal, mas nacional, visto que estamos imersos em dívidas. Em tal conto, outro fenómeno é manifesto *O cabritismo - Você lhe amarra ao lado do banco. Cabrito come onde está amarrado*. Sendo líquido que pelo prodígio do cabrito os olhos da sociedade viram milhares de fortunas a germinarem e à galope multiplicar tentáculos, porque o cabrito come onde estiver amarrado, a questão já passou é onde amarrar este cabrito. Nas entrelinhas e no trocadilho surreal desta nação, é feita revelações num misto de erudição e sátira ao óleo *brent* sob os olhos bem abertos da narração. *Por cá, a felicidade das pessoas move-se à petróleo*.



Coordenador do Concurso “MicroResenhas”

Por: Joana Miguel

Luanda da década de 80: os diálogos com o camarada António, as aulas dos professores cubanos, a visita da tia que vem de Portugal, o caso temido da lenda urbana **Caixão Vazio**, medos, despedidas, fins, memórias, saudade, sonhos. Este é o cenário de **Bom Dia, Camaradas** que, através da rotina de Ndalú, um menino extrovertido, falador, curioso e cómico, pinta o quotidiano de uma Angola já independente, mas que se recupera do caos e desordem de uma guerra civil ao passo que busca uma identidade nacional.



Neste romance hilariante que oferece momentos de fortes gargalhadas bem como momentos de singelas reflexões sociológicas e até mesmo políticas, Ondjaki celebrou um casamento entre a ficção e a realidade. Nas passagens e nos diálogos, pode-se notar o *link* entre a ficção, aspectos do universo infantil revelados pelo olhar do menino-narrador e a realidade vivida pelo próprio autor, visto que há passagens que contam aquela que é a história do nosso país, Angola.

A par disso, encontra-se algo que não nos escapa aos olhos: a petulância e ousadia do autor em escolher um narrador e contar a história através dos olhos infantis e inocentes de uma criança que não reconhece a seriedade ou relevância dos eventos. O interessante nisso é a fidelidade que o autor demonstra para com o narrador ao longo de toda obra, ou seja, em toda narrativa a voz que fala é sempre a do menino, sem a interferência de uma possível reflexão/raciocínio do autor.

As hilariantes histórias de que o livro é recheado num olhar superficial podem soar cliché ou parecer vulgares muito por conta do olhar infantil e inocente do narrador e das fantasias próprias da sua idade. Contudo, **como toda boa literatura, não é O QUE se conta que importa, mas O COMO se conta** (Ruffato). Portanto, o enredo desta obra é deveras simples, porém não necessariamente simplista. E é neste quesito no qual o autor se mostra um perito e exímio narrador e revela as suas valências.

MICRO RESENHA

Ademais, o autor narra os acontecimentos com uma delicadeza e beleza bastante subtis, salpicando pitadas de lirismo, mesclando a prosa com a poesia que se nota, por exemplo, na descrição dos cheiros, cores, durante o **matabicho**. Ex.: **Há assim um fresquinho quase frio(...) ficar à espera do cheiro da manhã...** (p. 19)

Por outro lado, analisando minuciosamente o conteúdo, sente-se no ar um teor social muito acentuado, predominando a função social da Literatura. Em cada página, de forma implícita e em tom irónico e satírico, Ondjaki traz à baila questões, dilemas, factos sociais que, apesar do tempo, permanecem actuais e ainda suscitam fortes reflexões. Por exemplo, recorrendo à sátira, o autor critica o péssimo estado das estradas nacionais que, muitas vezes, só são asfaltadas ou por ocasião das eleições ou da visita de uma entidade do governo. Ex.: **a avenida tinha acabado de ser arranjada porque há pouco tempo o camarada presidente tinha passado por ali(...) normalmente as estradas são asfaltadas por causa disso(...)** (p. 45)

Outra reflexão social tem a ver com a liberdade, especificamente a liberdade de imprensa. A falsa liberdade de imprensa é denunciada aquando da ida do menino-narrador e de outros estudantes à Rádio Nacional de Angola onde lhes é entregue um papel dactilografado e carimbado com as ideias oficiais quando supostamente estariam apresentando as suas redacções, as suas próprias ideias e pensamentos na Rádio Nacional. Aliado a isso, a obra apresenta-nos as tensões sociais que o narrador tem de encarar fruto dos diálogos com a tia Dada que vive em Portugal e está de visita em Angola. Nestes diálogos, o narrador apercebe-se das diferenças abismais entre a vivência em Luanda onde o **presidente (...) só anda já de Mercedes, e à prova de balas (...), sempre que o presidente passa têm que ficar em sentido**. (p. 47, 49); e a vivência em Portugal onde **quando o presidente sai ao domingo, vai a casa de algum amigo, já não leva a polícia, às vezes até vai a pé (...)** ninguém sai do carro, aliás às vezes nem se percebe que o presidente vai num carro. (p. 48, 49)

As tensões sociais não param por aí. Com inocência de criança, o narrador revela diferenças gritantes existentes entre os seus colegas de escola onde enquanto ele tem a oportunidade de tomar banho todos os dias, alguns colegas seus chegam suados, ou, como o autor diz, **catíngados**. Não por mania da idade, mas porque a água, às vezes, não chegava as suas residências e, das vezes que chegava, passadas 24 horas, já estava de malas feitas. Assim, o autor pinta um discurso político na fala de uma criança de um jeito super natural e leve que chegam a ser desconcertantes.

É impossível não se deixar encantar pelo vocabulário peculiar, *sui generis* composto por palavras e expressões que caracterizam o Português Angolano e fazem o leitor encarar a língua de um outro ângulo. Aqui vão algumas: **gamar mambos; pitéu; muadiê; távamos bem fobados; só o poster!, tava a matar** (p. 30); **diarrumba**. (p. 31)

MICROLEITOR

Em suma, *Bom Dia, Camaradas* é um manuscrito histórico, um passaporte para todos os que almejam compreender o hoje de Angola. Este romance suscita um misto de reacções e sentimentos, sendo os mais sonantes a nostalgia e a saudade que podem ser sentidas através da percepção da perda presente na despedida dos professores cubanos, na triste certeza de que no próximo ano lectivo já não terá consigo todos os seus colegas e amigos. No ínterim, a obra não é por e simplesmente sobre reflexões políticas, é também sobre memórias, lembranças, despedidas, fins e saudades, pois nenhuma palavra é adequada para dizer adeus.



Convidados e Membros do “MicroLeitor”

Por: Joana Miguel

O **Homem que plantava aves** é uma colectânea de contos na qual, em 14 títulos, o autor transcreve da memória para o papel flagrantes, cenas, histórias vividas e ouvidas que têm como pano de fundo os desafios frutos da guerra civil de que o nosso país foi palco. A obra nos seus 13+1 (treze contos + 1 fábula) retrata, também, os desafios, as vivências, o *modus vivendi* do povo angolano, especificamente os que residem na província de Benguela e pertencem à região etnolinguística Umbundo. São contos da nossa terra, contos que retratam questões como burocracia, preconceito, machismo, nepotismo; contos que deram voz, beleza, corpo e letras ao **O Homem que plantava aves**.

Nesta intrigante colecção de contos, Gociante Patissa, em vestes de *cameraman*, cujos utensílios de trabalho são a audição apurada, o olhar aguçado e a observação ousada, anota situações das mais inusitadas que resultam das vivências do povo angolano. Misturando pedaços de ficção à dura e crua realidade, a obra debruça-se sobre temáticas complexas especialmente para nós que vivemos tão próximo da realidade, expondo de forma nítida a realidade do pós-conflito. Uma das temáticas complexas é a mania dos últimos tempos que contempla a vontade infundada que alguns têm de ser chamados de **doutor**, mania, esta, que deu origem a um neologismo que se tornou rapidamente popular: a **doutormania**.

Em matéria de definição, chama-se **doutor** a quem tenha adquirido e detém o grau académico de **doutoramento**. Porém, cá entre nós, esta definição é nula e, se não se fizer nada a respeito, daqui a míseros anos será uma definição arcaica, pois angolanamente falando, é escusado passar pela escola, não é obrigatório ter o grau de doutoramento para que a pessoa seja chamada de doutor; basta apenas a pessoa ocupar um lugar de destaque em algum lugar, ter certa autoridade sobre algumas pessoas, basta apenas a pessoa estar estudando (aqui o nível académico não vem muito ao caso) e ser **bom de papo**, isto é, saber supostamente se expressar bem em Língua Portuguesa, usando alguns vocábulos rebuscados e ter um Inglês básico para ser a **cereja em cima do bolo**.



MICRO RESENHA

Daí que, um simples enfermeiro é capaz de exigir que lhe chamem de doutor, um estudante do 1º. ano da faculdade também é doutor, qualquer funcionário do banco ou qualquer homem de terno/fato é doutor e a lista vai do mar ao leste.

Algo de interessante é o cariz e papel de intervenção social muito sólido e impactante capaz de moldar mentes, despertar os fazedores de opinião pública e a sociedade em geral, no sentido de focarem as suas atenções em questões de capital importância que, geralmente, passam despercebidas aos seus olhos. Tal facto, é notório nas temáticas intrigantes e instigantes que o autor coloca à disposição do leitor. Uma delas é a perda gradual da identidade cultural que tem sido protagonizada pela geração mais jovem que prefere o internacional ao nacional sob o pretexto de que o que é bom é só o que é europeu.

Tal facto é denunciado pela vergonha que os jovens sentem de aprender a falar as línguas nacionais, preferindo os cursos de línguas estrangeiras (com maior realce para o Inglês) que andam aí aos montes e ao mesmo tempo que os anglicismos *mindset, know-how, cover, look, check in, password*, etc, preenchem as conversas do quotidiano e dominam os textos e comentários nas redes sociais, como espelham os contos *A Que Ponto Chegamos, Oh Minha Gente* e *A Lenda do Soberano Ndumba*.

Por outro lado, o autor traz à ribalta temáticas prá lá de políticas quando se debruça e apresenta o real estado do país que é *no abstracto, democrata, mas no concreto ainda burocrata*. Por exemplo, no conto *A Que Ponto Chegamos, Oh Minha Vida*, o autor faz-nos conhecer como funciona a justiça angolana, ou seja, *a justiça raramente é justa, pois quando o dinheiro fala, a justiça se cala* e, como se fosse pouco, o pesado jugo do sistema burocrático que o pacato cidadão tem de carregar.

Esta obra oferece ao leitor algo completo. Em apenas 155 páginas o autor contempla várias temáticas, situações que dão o que falar. Entre tais situações constam o caso garimpo (um profissional, geralmente das áreas de Saúde e Educação, assina compromisso com várias clínicas ou escolas), burocracia, a superstição entre os bantu, nepotismo e favoritismo. Ex.: *Os critérios são sugestivos. Uma barba anosa (...)* ou *na maior parte dos casos um sorriso eloquente, um sobrenome elegante ou a pele mais clara* (p. 66), a corrupção, etc.

MICROLEITOR

Ora, o conto que dá título à obra e no conto *Rua das Empregadas*, o leitor fica a saber que, em África, os nomes não são dados por mera casualidade ou por beleza. Em África, os nomes, amiúde, têm um objectivo e um significado proverbial que o indivíduo portador carrega para o resto da vida, sendo que por trás de um nome há um significado profundo que vai nortear a reputação que a pessoa deverá ter; até porque a sabedoria/filosofia africana reza que **o nome dura mais que a pessoa**.

Por fim, o interesse do autor em compilar tais contos representa um passo muito significativo na salvaguarda da tradição, na medida em que os saberes, valores, crenças, moral que vivem na tradição oral encontram-se em risco de extinção e, caso não se continue fazendo este trabalho árduo de os recolher e organizar, as chances de as gerações vindouras não conhecerem nem sequer ouvirem falar em tais detalhes que fazem a nossa história são elevadíssimas. Portanto, o contributo de Gociante Patissa é um aviso claro de que já não é hora de a nossa tradição, a nossa história, viver na oralidade, é necessário registos escritos, coisas palpáveis para a posteridade.

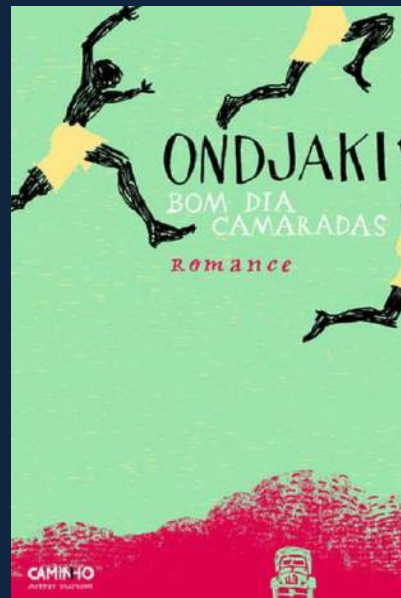


Por: José de Lima Manuel

Bom dia, Camaradas é um romance que não foge a essência daquilo que Ondjaki vem nos habituando, fazendo frequentemente um enquadramento na Sociologia da Infância, onde a criança não aparece somente como passiva, mas autora e construtora da sua percepção do mundo: **os mais velhos nunca sabem bem aquilo que nós sabemos** (p. 12). Ondjaki apresenta-nos, então, a sociedade angolana pós-colonial na percepção de uma criança da classe média. Nesta obra, encontramos uma tríade interessante, autor-narrador-protagonista, retratando uma história com uma dose de ficção e realidade embutida de Luanda dos anos 1990, contando o seu quotidiano familiar e escolar.

Problemas como saneamento básico, distribuição de água potável, falhas de energia e delinquência são abordados e percebe-se que são problemas antigos que permanecem nos dias de hoje. Um dos casos retratados é a forma como se resolve a delinquência em muitos bairros de Luanda. O suposto delinquente, vulgarmente tratado por **gatuno, bandido**, quando é apanhado pela população, é alvo de justiça por mãos próprias, como agressão física e verbal, injeção de substâncias letais, queimaduras com pneus, chegando mesmo até em mortes.

Um aspecto que se pode salientar também na obra, tem a ver com o posicionamento dos medias no monopartidarismo, em que as notícias eram por conveniência do partido-Estado, MPLA, de acordo com a lei constitucional que vigorava naquela altura: **Nós ficávamos um bocado aborrecidos com as notícias, porque era sempre a mesma coisa: primeiro eram as notícias da guerra, que não eram diferentes quase nunca, só se tivesse havido alguma batalha mais importante, ou a UNITA tivesse partido uns postes. Aí já dava risa, porque todo mundo ia dizer na mesa que o Savimbi era o “Robin dos Postes”. Depois tinha sempre algum ministro ou pessoa do birô político a dizer mais umas coisas. Depois vinha o intervalo com a propaganda das FAPLA.** (p. 10). Não obstante o facto de se viver no monopartidarismo, no sistema ditatorial, o sentimento patriótico era manifestado com maior intensidade, seja pela cultura do medo ou de forma voluntária, tais como participação nas organizações político-partidárias (Organização dos Pioneiros Angolanos, OPA, e Organização da



MICRO RESENHA

Mulher Angolana, OMA, todas pertencentes ao MPLA, respectivamente infanto-juvenil e feminino), o respeito pelas personalidades históricas, como o pioneiro Ngangula.

Outro aspecto não menos importante, refere-se ao excesso de zelo da guarda presidencial que se mantém até aos dias de hoje: — Tia, em Portugal, quando o vosso camarada presidente passa, vocês não saem do carro? — Bem, eu nunca vi o presidente passar lá, mas garanto-te que ninguém sai do carro, aliás às vezes nem se percebe que o presidente vai num carro. — Hum!, não acredito, ele não tem as motas da polícia prá avisar? Não põem militares na cidade? — Não, militares não põem. Às vezes, se é uma comitiva muito grande, convocam a polícia para afastar o trânsito, mas é coisa muito rápida, o presidente passa e pronto. Claro que os carros se afastam, também é obrigatório, mas é porque ouvem as sirenes, percebes? — Sim. — Mas quando, por exemplo, o presidente sai ao domingo, vai a casa de algum amigo, já não leva a polícia, às vezes até vai a pé — ela estava mesmo a falar a sério, isso é que me deixou impressionado. — O vosso presidente anda a pé? — até desatei a rir. — Epá, tenho que contar essa aos meus colegas! ainda querem me estigar os presidentes africanos... Presidente em África, tia, só anda já de Mercedes, e à prova de balas (p. 18-19). As forças de segurança e de ordem pública têm muitas vezes posicionamentos exagerados quando está em causa o protocolo de governantes, chegando muitas vezes ao uso e abuso de violência militar e policial.

Com esta obra, Ondjaki dá mais uma contribuição para o estudo da cultura popular urbana de Luanda, a compressão dos mitos urbanos, de patriotismo, o quotidiano escolar, os medias, a delinquência e a criminalidade.

Certamente que se trata de uma obra de mestre que enriquece a cultura popular angolana, abrindo novos caminhos e demonstrando o quanto ainda pode ser estudado, constituindo de igual forma um eficiente incentivo aos escritores interessados em saber mais sobre a sociedade angolana pós-colonial, bem como interessados em alargar as suas análises dos estudos sobre Angola na percepção da criança.

Por: José de Lima Manuel

O homem que plantava aves, de Gociante Patissa, é uma viagem ao interior do quotidiano angolano, com destaque ao viver da cultura Ovimbundu. A obra é um conjunto de quinze contos ficção-realística sobre as memórias do tempo de guerra civil, ou a as sequelas do pós-conflito, não fugindo o devaneio literário ao papel de confrontar a humanidade com as suas contradições. (p.11): A meia-viagem do Senhor Serviço, O homem que plantava aves, Uma prenda demasiado profissional, A que ponto chegamos oh minha vida!, Você não me chame querida, Nossa luta, vossa luta, Consultório número quarenta, A chefe e os homens, O julgamento de 1983, Rua das empregadas, A dívida, Ku-duristas na Bahia, Não lavei porque os fios estão ocupados, A lenda do soberano Ndumba, Porquê que a cauda da lagartixa cai?. A discussão dos contos passa pelo nepotismo, estigma social, o assédio no trabalho, a burocracia nas instituições públicas, delinquência, pobreza, entre outros assuntos.

Com uma dose de sátira, o autor retrata o uso abusado de bens públicos e nepotismo, como um problema actual e actuante: Eu vivo na casa do Estado, não é para festanças. - Mas então você é chefe no governo para quê?! Se temos um pouco, não podemos mostrar? (A meia viagem do Senhor Serviço, p.18). A meia viagem do Senhor Serviço é uma chamada de atenção aos servidores públicos, e à todos em geral para não se confundir, bens públicos como se de bens particulares se tratasse. É uma confusão comum na nossa realidade. Vezes sem conta vimos e ouvimos casos de servidores públicos que abusam o bem comum. Actualmente vai se mostrando uma maior visibilidade no seu combate, com destaque aos discursos políticos sobre o combate ao nepotismo, impunidade e peculato.



O estigma, discriminação, superstição, preconceito social contra pessoas com deficiência, também retratado em O homem que plantava aves, conto que dá título à obra: É que nessa aldeia, distante, distante do nosso tempo, havia espaço para tudo, menos para a felicidade de pessoas com deficiência. Acreditava-se que a limitação motora seria praga dos deuses por eventual erro dos ancestrais. E perverso do jeito que chega a ser o dogma do senso comum, quem acabava por levar

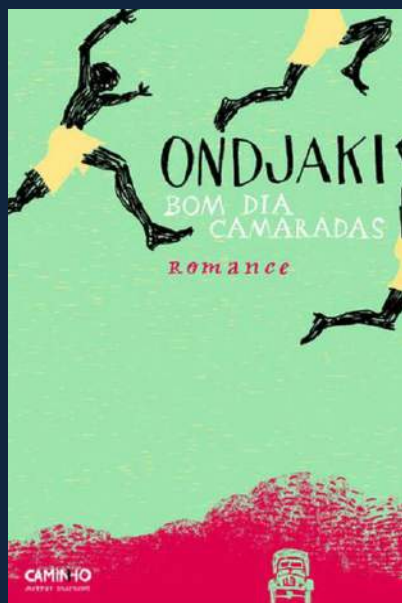
MICRO RESENHA

com algum desdém era a própria vítima. E começava mesmo pelo paradigma proverbial dos nomes africanos (*O homem que plantava aves*, p. 22). Longe duma mera ficção, o estigma social contra pessoas com deficiência é um problema social, actual e estrutural, começando na família, no meio social e nas instituições públicas. Em Angola, não se presta a devida atenção a esse grupo, razão pela qual, nota-se a ausência de rampas nas instituições, nos transportes públicos, nas escolas, no local de trabalho, e há uma tímida atenção ao acesso ao ensino e ao mercado de trabalho dessas pessoas.

A obra é um incentivo aos escritores que dominam o quotidiano do interior, não apenas da cultura bantu, mas principalmente das minorias étnicas como os Vátwa e os San, “estes alvos de exclusão social do tipo económico, vivendo em situação de pobreza extrema” (María, 2015:74). É igualmente uma lição que obriga os cidadãos viajarem pelo interior, um retrato diferente daquilo que se está habituado nas áreas urbanas, ao mesmo tempo se depara com pontos convergentes estar estudando (aqui o nível académico não vem muito ao caso) e ser bom de papo, isto é, saber supostamente se expressar bem em Língua Portuguesa, usando alguns vocábulos rebuscados e ter um Inglês básico para ser a cereja em cima do bolo.

Por: Jossue Bunga

O livro tem como prelúdio uma abordagem discursiva sobre política colonial (ontem) em Angola e pós-colonial (hoje); a questão do monopartidarismo, em forma de perguntas e respostas. Não obstante a isso, figuram de modo ficcional, com doses bastantes de lirismo. Adentro do enredo, o autor elucida sobre a realidade estudantil em Luanda, o mosaico social e económico da vida dos professores cubanos em Angola, mesclando sobre a realidade das nossas artérias, entre Golf, Maianga, Largo das Heroínas, Rua do Partido, Alvalade, 1º de Maio, e outros pontos. O dilema falso que foi engendrado nas escolas de Luanda, **Caixão Vazio**, um fenómeno que hoje figuraria nas chamadas *fake-news* e a menção de forma exaltada de actores históricos, como Nelson Mandela e Che Guevara, fazem meandros significativos na prosa. Entretanto, o sentimento nostálgico e a emoção norteiam o final do livro, precisamente pela ida e vinda a Portugal da tia de um dos personagens principais da narrativa, denominado **menino**, pelo fim das aulas, pela separação dos estudantes, pela despedida dos dois professores cubanos e, principalmente, pela morte do senhor António que fora, durante o livro, um companheiro bastante apreciável do menino. Sem descorar que o livro não deixa de fazer uma crítica aos regimes opressores, vislumbrando mais sobre a importância da revolução, equidade e justiça.



O menino, nesse caso, angolano de gema, inocente, com uma e tantas questões engajadas e o senhor António, que fora funcionário da casa dos pais do menino, ambos figuram como personagens principais do livro. João, que era o motorista da casa do menino, Maria, Sara, que eram as professoras cubanas do menino, Ángel, esposo da professora Maria, também professor, Murtala, Hélder, Caducho, Eunice, Gerson, Romina, Célio, Cláudio, Bruno, Petra, Paulo, Filomeno, Ndalú, Kali, Nucha, Luaia, Isabel e Catarina (colegas do menino), Paula, radialista, Avó Chica, Chico, Maxando, Papi, Dada, familiares do menino, todos estes figuram como personagens secundárias. O menino, sendo o herói do livro, conseguiu suprir suas lacunas, imaginações e inquietações com a ajuda do senhor António, que demonstrou ser uma biblioteca viva para si em relação a questões ligadas ao

colonialismo, à política e à independência de Angola, além da sua tia Duda, **Eduarda**, que também o ajudara relativamente à visão política e social de Portugal.

MICRO RESENHA

Gostei do livro por revelar-se simples, com uma linguagem corrente, que propicia uma leitura leve, pois o autor se deliberou a redigir em modo popular; entretanto, com alguma dificuldade na compreensão e interpretação da temática geral. O livro me pareceu centrado e exclusivo demais por citar as FAPLA, OPA, NGANGULA (todas ligadas ao MPLA) e desdenhar outras organizações, outros nomes e personalidades de partidos ou movimentos que existiam paralelamente ao MPLA, uma vez que a conquista da independência de Angola, automaticamente fim do colonialismo, não foi uma obra/construção de um único partido. E sobretudo, para uma certa ironia, o livro faz um respaldo crítico ao monopartidarismo; no entanto, a escusante menção de entidades legítimas do processo independência, no desenrolar da narrativa, incrimina-o. Encontrei-me no livro quando se referia ao fenómeno do **Caixão Vazio**, sou um dos sobreviventes desta utopia. A morte do senhor António foi enigmática e muito impactante até para mim. E outra pulga na orelha foi a falta de elucidação quanto ao público-alvo que o livro pretendia atingir pela linguagem, pois criou-se um glossário do português tipicamente angolano, mas não se fez o mesmo procedimento em relação ao espanhol, visto que, à semelhança do português, comporta o livro. Seria de bom grado à clarividência, nota das frases e palavras espanholas. Ao todo o livro é bastante elucidativo, pedagógico, interessante e recomendável.

Por: Jossue Bunga

O livro retrata um pouco sobre um todo da realidade angolana e não só. Porém, apegada a um conjunto de 14 contos cujo interior exala sátiras e metáforas, e um com alguma adaptação fabular. O primeiro conto que tem Sr. Amândio como protagonista, marido de Sra. Teresa Napata, fala de sua viagem ao serviço, em que ele se vê indignado com um conjunto exacerbado de construções sociais e com uma atípica mobilidade social retratando de forma amiúde a realidade da cidade e do interior. O segundo conto elucida a realidade rural de um caçador exposto à natureza e confiante no seu sustentáculo, embora sendo portador de deficiência física, facto pelo qual o tornava alvo de severas restrições advindos da discriminação, Lumbombo, irmão de Katumbo, representou um nome estratégico que simbolizava a vida da terra, a raiz, abnegado e conhecedor da terra, Lumbombo, na sua bondade e naturalidade, foi tentado pelo seu amigo a conceder-lhe empréstimo de um boi, e, posteriormente, este chegou a gozar de sua convalescença. O terceiro conto gira em torno da realidade provocadora e tentadora que muitos profissionais estão submetidos, e que no caso particular da protagonista em causa, a jovem sedutora, não teve êxitos com as suas falcatruas.

O quarto conto narra a penúria de Kasova, uma jovem-mãe de baixa renda, que apesar disso, tinha alguns trocados que serviram para contratar uma empregada. Kasova vê o seu esposo detido e com excesso de prisão preventiva, quando ela pretende, de alguma forma, estabelecer contacto com ele, depara-se com diversos impasses impostos. Esse conto não é senão uma denúncia do proceder burocrático das nossas administrações e órgãos de justiça. O quinto conto enreda-se na longa viagem do jovem Elavoko, ilustrando resquícios da difícil realidade namibiana e angolana. Entretanto, a cena mais caricata, nessa estória, verifica-se quando Elavoko apaixonou-se e prontamente assedia a esposa do seu caríssimo amigo desde os tempos de petiz; para não desbotar a amizade jurássica do seu marido, Mbaka prefere guardar segredo e, enquanto isso, os amantes amantes desanuviavam com alguns copos de *cisângwa*. O sexto conto faz respaldo da vida, do medo e da resiliência de um major cubano, e também de outros guerrilheiros angolanos, que vão retratando um pouco da vivência de Angola no período antes da independência, e depois dão um salto até à expulsão das tropas cubanas em 1991. O sétimo conto fala de um todo da realidade crua e nua de Benguela e um pouco de Luanda em relação ao atendimento público nas unidades hospitalares. O oitavo conto



MICRO RESENHA

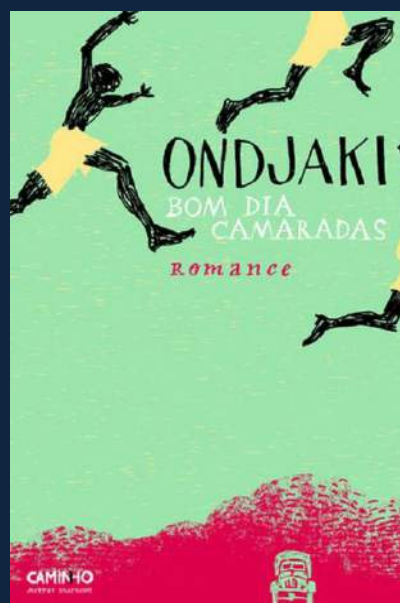
disserta sobre a exceção do poder de uma Mulher, a sua força e actuação. O nono conto retrata sobre um julgamento por inocência e ironia, em que Kawenha, conhecidas as normas de convivências locais, teria ofendido ao saudar as suas cunhadas (Mbali e Citumba) numa altura em que todos, na aldeia, atravessavam situações penosas, mas Kawenha dispunha-se contente, logo, foi julgado segundo as normas locais; nesse caso, obrigado a pagar uma indemnização à comunidade. O décimo conto é uma fotografia e ilustração dos contos 9, 6 e 8. O décimo primeiro fala de um chefe de família, Katito, primo de Seke, que com pouco ou nada para os sustentar, sente-se forçado a contrair uma dívida a um amigo que seria paga com juros. No entanto, Katito se recusa a pagar, logo o caso chega ao martelo do tribunal. O décimo segundo aborda sobre a digressão de Kuduristas ao Brasil, Bahia, para um encontro com a cultura local, exaltação artística em que teve como personagens Don Acidente e seu *staff*, Conterra e Família. O antepenúltimo conto retrata um episódio de protótipo angolano dos últimos tempos. A personagem Dona Cele vem se desgastando com a antipatia de quem governa, sendo ela e mais outras domésticas obrigadas a repartir o seu mísero salário com o Estado (SS). No penúltimo e no último conto, vemos na realidade, profecias, provérbios e sabedoria africana e angolana, a força dos nossos ancestrais, reis e a sua demonstração.

A princípio, o livro é repleto de criatividade, pois os contos são contagiantes e emocionantes, o que de facto foi um deleite lê-lo. Não obstante, há contos no livro que me parecem ser semelhantes, diferindo somente nos subtemas, porque o desenrolar até o desfecho são quase idênticos, sobretudo o 6º, o 8º e o 9º conto. Retiro do livro teses e ilações positivas, no que toca à grande visão do autor de incorporar na obra um pouco de História de Angola, personalidades enigmáticas de cariz mundial, porque pedagogicamente reaprendemos os nossos costumes bantu, nossas raízes, nossos provérbios, nossa língua Umbundu, pese embora essa última seja a mais encontrada no livro, e outras não.

Por: Mad'alena Branco

Estamos numa sociedade em fase de reconstrução nacional, na época do monopartidarismo em que todos os filhos da mesma mãe uniram forças para fazer da sua casa livre. **Bom dia, Camaradas** é o retrato da idiossincrasia de uma comunidade sociolecta e apresenta-nos diferentes situações vividas na época, narradas por um personagem epicrítico que se apresenta de forma reflexa e almeja por um país melhor, livre e completamente independente. Ondjaki pinta esta tela em vários aspectos representativos de um país em reconstrução no seu quotidiano, desde a originalidade na sua referência linguística caracterizada pela linguagem popular, mitos urbanos e confluência populacional cadenciosa. O romance é uma timética que ocorre entre a era revolucionária pós-colonial a convergir para a contemporaneidade e a época socialista.

A exegese central que se deve considerar nesta narrativa é que a unidade básica do mundo é a liberdade, onde todos sem excepção devem ser incluídos. O autor não faz uma audiência alargada ao abordar os diferentes temas aqui referenciados. **Um país em reconstrução era/é preciso muita disciplina(...) então também percebi que, num país uma coisa é o governo, outra coisa é o povo.** Estamos em fase de reconstrução nacional, após a luta fastidiosa contra a opressão do regime colonial em que as autoridades tudo fazem para manter a segurança nacional mesmo que isso inclua comportamentos ríspidos para evitar possíveis impulsos nervosos geradores de despolarizações que desencadeiam potenciais de acção da segurança nacional. A ideia desenvolve-se sobre uma posição íngreme e é neste quadro de libertação colonial que surge a cooperação militar dos primos da terra de Fidel de Castro, cujo tempo de retirada se aproximava devido à chegada do então sequioso acordo de paz nacional. O autor apresenta-nos um personagem que espelhava o sonho de muitos angolanos, ver o seu país democrático, dotado de liberdade. Um país onde todos tinham a mesma dignidade como filhos de uma mesma mãe, não aquele em que só havia privilégios para alguns.



O primeiro parágrafo do livro suscitou-me uma questão hipotética que pode se calhar não ter nada de peculiar, mas que gerou e ainda gera repercussões nas décadas subsequentes. Terá sido uma atitude acertada correr com o colonizador sem nenhum acordo? Essa questão gira em torno

MICRO RESENHA

de vários aspectos, atenção. O camarada António, um dos personagens, faz uma incisão sobre alguns problemas possivelmente insignificantes, como a organização urbanística, relativamente à limpeza. O emprego para todos, apesar do salário injusto e funcionalidade dos meios de transporte e indústrias que nos dias de hoje se tornaram a origem de vários problemas principalmente os de saúde no nosso país, desemprego e miséria, falta de observância sobre os princípios do risco-benefício. Não que isso tudo não existia, mas a incidência nos dias de hoje é bastante alarmante, é uma missão impossível não imiscuir-nos sobre este prelúdio, parece que desde os primórdios as pessoas não sabem muito bem o que fazer com a sua liberdade. O que eu penso em relação a isso?

É claro que devemos lutar pela nossa liberdade! Um possível conflito da não contradição? Não! Porém, sabe-se que devemos sempre procurar absorver o melhor nas experiências que nos são submetidas, nem que for a pior experiência de vida que vivermos, tudo tem um lado bom, daí a necessidade de cultivarmos a capacidade cognística holística. Há que se fazer a constante excreção orgânica para evitar transtornos vivenciados nos dias de hoje. O autor convida-nos a fazer uma reflexão e análise política apesar de não fazer uma abordagem alargada sobre os temas apresentados, são tão diversificados que podemos escolher qualquer um. Atenção que quase todos eles se reflectem nos dias de hoje. Essa contemporaneidade libertina em que cada um faz o que quer. Não nos esqueçamos, por favor, das questões de injustiça social, pois penso que nunca deixamos de a viver em diferentes situações da vida. Os nossos às vezes já não diferem tanto do colonizador, era suposto criarem políticas pluripotentes que favorecessem a todos e filtrar acções que em nada nos favorecem, produzir políticas inovadoras que auxiliem no processo de reconhecimento e capacitação das estruturas próprias do país, os cidadãos. **Todo depende de los hombres, de sus corazones, de la firmeza com que luchan por sus ideales. De la simplicidad que pongam em sus acciones, del respeto que sientam los compañeros.**

O autor espelha de forma astuta a reverente e saudável relação existente na cooperação diplomática entre os países primos que ainda se verificam nos dias de hoje. Além de beneméritos comunistas, procuravam sempre transmitir o espírito de ascese e revolucionista ao fazerem referência a Che Guevara que, apesar de ser um dos maiores se não o maior ícone revolucionário de referência, não deixou de fazer a constante observância pela elevação moral, de servir ao próximo e a sua pátria. Mas aproximava-se o então almejado acordo de paz que poria fim à cooperação entre esses países. **Quando vivemos os melhores tempos da nossa vida, nós nunca percebemos.** A escola é uma oficina de aquisição de conhecimentos científicos, princípios e valores, mas, a meio disso, pode-se formar uma família de amigos, criar laços com aventuras vividas, criar memórias para a vida, o que é aqui descrito também. A influência e capacidade contingente que temos para criar mitos, é um hábito característico dos angolanos. E, apesar dos momentos revigorantes em ritmos cadenciastes e frenéticos, nem tudo é sincopado e o autor enfatiza esse aspecto num desfecho nostálgico experienciado pelo autor de forma inerme.

Por: Mad'alena Branco

O **Homem que plantava aves** é um retrato descritivo que se cinge em torno de uma comunidade habitante no litoral centro do país, a prestigiosa cidade das acácias rubras. Num contexto linguístico, técnico e sociolecto, Gociante Patissa esquadrinha de forma não sequenciada um conjunto de catorze contos e uma fábula, protagonizado pela população desta artéria. A obra é uma ataxia astuta comportamental que faz alusão referente a uma diversidade de situações vivenciadas nesta jugular, situações estas como a revolução socialista, o preconceito, o assédio, o nepotismo e divergências partidárias enredadas em estilo frenético do quotidiano que o autor descreve de forma minuciosa as trajectórias efémeras em cadência emocionantemente diferenciadas.

Uma estupidez sem tamanho nem prazo. Assim é a guerra, aqui ou em outra parte (...) o que ganha uma guerra após libertação? Esta secção faz um diagnóstico sociopsicológico indirecto.

A libertação nacional foi um processo penoso em todos os sectores da vida. Após a libertação nacional, surgiu o conflito armado interno que, além de dizimar almas, criou desavenças que ainda imperam nos dias de hoje. A guerra é como um câncer benigno fomentado de forma bem diferenciada. Os homens respiram e vivem a paz, mas, e depois disso? Será que houve medidas imediatas de reabilitação? Houve cuidados e políticas locais para as vítimas da guerra? Os homens viram-se obrigados e experienciar aquele circo dos horrores, a agressão traumática causadora de lesões invariavelmente crónicas com grandes extensões e profundidades a diferentes pessoas. É latente essa condição, casmurrantemente resistente que nem um Anopheles a tentar alimentar-se a qualquer custo com aquele zumbido ensurdecador hipérbole, obrigando-nos a tomar quase todo o tipo de medidas só para os afugentar. Assim é a guerra, nunca se vai, vive latente. Quando vê condições concupiscentes finge sincopia e amnésia temporária, mas fica lá a maquinar conflitos desarmados. Após sofrer mutação, se é que na verdade isso não é uma característica definitiva dela, não é!? Já consegue se materializar em vários adjectivos, sinónimos de empáfia, capaz de criar uma série potencialmente fatal de contracções psicológicas, descoordenações eficazes e múltiplos impulsos siderais de forma trocista até nos dias de hoje. **Não se anda com os pés, anda-se com os pensamentos.** Este genitivo é uma agnosia que toma contornos carregados de nuances não muito



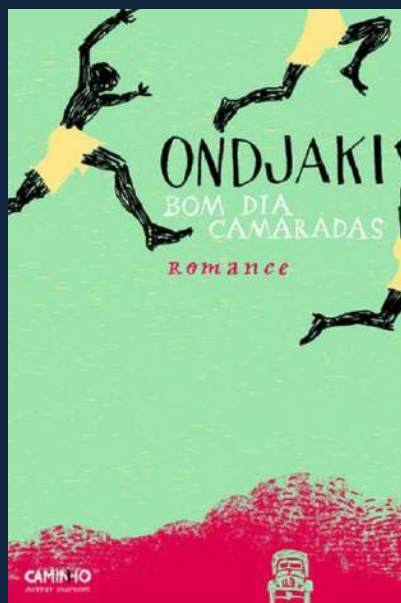
MICRO RESENHA

diferenciadas ao nível nacional. O autor enfatiza que somos exímios praticantes e consumidores do preconceito. A falta de informação é capaz de criar padrões marcantes na vida da comunidade não individualizadas contra quem é portador de alguma deficiência ou é caracteristicamente diferenciado, é uma fulgurância muito própria nas nossas comunidades e o autor apela ao direito a igualdade. *Os critérios são sugestivos (...). E todo o resto se cala com receio de ser rotulado porque somos uma nação que reprovava o preconceito, exceptuando circunstâncias muito pessoais em que ele, o preconceito de silêncios e gestos faciais beneficia-nos e faz regra.*

Para culminar, apesar de haver na obra uma série de abordagens interessantes, o autor faz um paralelo criterioso sobre as questões ligadas ao preconceito socialista e comunitariamente rústicos diferenciados por e, simplesmente, pela ignorância. É sabido por todos que não é só nessa região que o preconceito edificou o seu castelo imperial fazendo assim inúmeros súbditos inconstantes na sua trajectória de junção convergente de virtudes, dando assim lugar à concupiscência que constitui a torre desse império medieval intemporal. É tão erudicente que acredito que tem em sua posse uma alegoria propensa que é digna de ser estudada, pois é tão armada de mimetismos que é até capaz de um diapasão. O preconceito faz diéreses que possibilitam ao seu recipiente acesso imediato ao lugar pretendido e, conseqüentemente, faz sínteses, fechando assim ciclos restritos. Para que dele faça parte, só precisas de ousadia, ele não usa pleonasmos, é politicamente explícito. Não precisas de uma classificação electiva, quer dizer, até precisas, do bilhete de entrada, ou seja, a moeda.

Por: Manuel Campos Miguel

Ninguém imaginava que tudo algum dia terminaria assim daquele jeito. Talvez o menino sem nome! Houve gritos, como berros de angústia, choros e lágrimas que não eram de alegria, o medo instalou-se e todos corriam apreçados como gazelas fujonas. O que se passava todos sabiam, mas entenderam que tinham de salvar suas imberbes vidas daquilo que se aproximava e vinha rápido, rápido, como diziam. Ocorreu naquela escola o que todos temiam, e desejavam que nunca acontecesse, e ninguém contava que seria naqueles dias das surpresas esperadas.



Bom Dia, Camaradas apresenta para ti, uma curiosidade e mistério nos eventos ocorridos na escola, ruas e casas onde o menino sem nome frequentava, desde a lendária aparição utópica do grupo armado e sem sentimentos humanos, vulgo **caixão-vazio**, o adeus entre pessoas que se amavam, a professora cubana deficiente que pulou o muro sem pegar nelas, até o segredo sobre a ausência sombria do António, o empregado. O menino sem nome é muito curioso, corajoso, inteligente e observador, mas tinha ele um grande medo que lhe assombrava os pensamentos. Conta-nos o que acontecia naqueles dias de grandes turbulências, trazidas pelo ódio entre aquelas gentes do alto.

Ao ler esta relíquia literária **Bom Dia Camaradas**, o leitor verá com as janelas da alma, uma Angola-Luanda da classe média pós-colonial. Sentirá vivo, o passado dos dias em que este país encontrava-se sob alta tenção, clima de guerra fria e luta pelo poder entre a forças partidárias dominantes (UNITA e MPLA). Da descrição em leves frases à tentativa de invasão dos sul-africanos ante a bravura, a coragem e o empenho notório dos soldados cubanos contra estes invasores, a cooperação honrosa e influência da Cuba nos variados sectores do país, destacando aqui o sector da educação (onde a história se desenrola até ao clímax).

Num tom de decepção e tristeza, Ondjaki faz juz às necessidades que surgiram após a independência; da opressão causada pelos soldados do governo até a corrupção, a ganância dos gestores públicos, a injustiça e a desigualdade, a deterioração do sistema governamental desejado e esperado por todos em vez de construção e outros males que se vivem até os dias de hoje. Comparou o desenvolvimento que havia em Angola antes da independência e a degradação do

MICRO RESENHA

estado que a tal paz trouxe. O dilema da falta de luz, a condição precária de vida e a falta de compromisso com o trabalho dos funcionários público.

Nesta lírica-romancista, **Bom Dia Camaradas**, o leitor se depara com uma transformação da língua portuguesa, menos cuidada mas realista, levando em consideração a era e os protagonistas das cenas, porém perceptiva e de fácil compreensão, mostrando o quão contagiante é o tom linguístico angolano.

Com um narrador presente, este pedaço da história de Angola (a obra) levará os leitores a uma viagem ao tempo, uma aventura ao passado dos que já viveram os tempos da sua infância e uma lição aos que hoje vivem; ressuscitando termos, hábitos e lembranças dos dias nas escolas da antiga capital Luanda.

Sente-se viva as recordações do autor narrando suas memórias e suas percepções daqueles anos. Ele conta-nos ainda os mitos sobre o **caixão vazio**, os factos verídicos no ex-mercado Roque Santeiro que já foi palco de tudo um pouco, denunciou a pouca vontade de estudar dos muitos alunos daquela época, o hábito de fazer cábulas, a cultura de designar um delegado de turma (práticas que até hoje ainda prevalecem). Por meio do narrador o menino sem nome, o autor nos ensina um quesito para a busca do conhecimento e/ou sabedoria, que é **perguntar**.

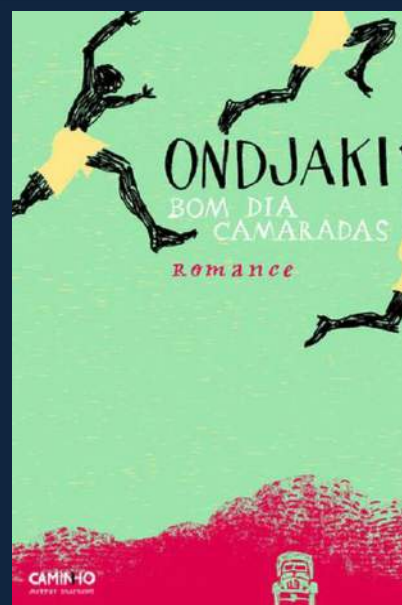
Ondjaki expressa sem receio sua saudade, sua alegria enquanto lembrava os tempos de quando criança, mas, também expressou por um deslize de escrita seu medo, medo de crescer, de experimentar o novo, de ver suas ilusões ou paixões serem vividas por outros.

Por tanto, **Bom Dia, Camaradas** é recomendável a todos que sonham.

Por: Manuel Pedro Baca

Bom Dia, Camaradas, de Ondjaki, é um relato de uma Angola entre as cicatrizes das feridas do passado ainda frescas que naquela época sangravam. É compreensível que estivessem tão recentes os pontos marcados de mais de duzentos anos de escravidão. Para auxiliar a compreensão do leitor, o autor dividiu o livro em dois capítulos que permitem múltiplas visões e interpretações com base ao estilo de vida Luandense daquele período. O autor, na imagem do anfitrião **menino**, descreve com mestria a cómica inocência de um rapaz inquieto e curioso com cenas/acontecimentos do passado, a maior vítima do **menino** é o cozinheiro da família Camarada António, com quem ele dialogava sobre modos e tratamentos de portugueses para com os angolanos.

— Menino, no tempo do branco isto não era assim... Depois sorria. Eu mesmo queria era entender aquele sorriso, tinha ouvido histórias incríveis de maus-tratos, de más condições de vida e pagamentos injustos. (p.7). O **menino** torna-se figura central ao protagonizar as estigas/insultos e anedotas viciantes daquele tempo, junto dos amigos e colegas: Murtala-ladrão, Bruno-de-classe-média, Petra-inteligente, Romina-mimada, Cláudio e outros. Eles são reis das estórias, inventam uma atrás da outra ou contam as já existentes, diante deles, todo cuidado é pouco para não confundir as estórias das histórias. Os professores cubanos, os Pais e Irmãos, a Tia Dada, a Paula da rádio e outros não saíram ilusos às estórias do grupinho de amigos. — Então tia, por exemplo, no bairro do Cláudio apanharam um bandido. Coitado! Só gostava já de *gamar* candeeiros prontos, devia ser lá o negócio que ele tinha no Roque ou quê? Ya! Apanharam o muadiê, lhe deram tanta porrada, tanta porrada, mas tanta porrada, que no dia seguinte, ele voltou lá à procura da orelha, tia! (p.19).



Fora as estórias do **menino** e companhia, o autor conta factos de tempos difíceis: da proibição de fazer fotos em locais por segurança pública, o tempo dos cartões de compra; controlo de quantidades, o tempo das estradadas esburacadas melhoradas às pressas, tempo do trânsito parado, obrigatório sair do carro, porque o presidente está passar por cá (eu desconhecia essa verdade) apenas acreditei depois que obtive confirmação dos *Kotas* (mais velhos) daqui da *banda* (bairro).

MICRO RESENHA

Após revelada essa sujeira, na intenção de ficar menos tenso, questionei-me: oh, cadê o romance? O livro parece ser mais uma incrível crítica social, o autor harmoniza os detalhes da crítica no desenho das *makas* de um país em reconstrução, apresenta o retrato das famílias mais carecidas, a falta de bens da primeira necessidade, a falha da energia eléctrica e uso de geradores, acredito ser ao som da *Fofando* que o autor lembrou-se do uso excessivo de gerador e a carência da água potável nas comunas, onde a água só vem uma vez por semana, as casas inundadas pela chuva. Fora as críticas sociais, o autor conta estórias das lendas urbanas, o *caixão vazio* foi a eleita. Consola-me saber que uma crítica social pode ser escrita num romance, uma forma literária narrativa escrita em prosa, mas quando lemos romance, o que se espera é já um par romântico e tal.. talvez os professores Angel e Maria recebam o galardão do par romântico, que romance, yal *Ele e a mulher a sorrirem por causa de uma compota de morango, eu acho que aquela era uma cena muito bonita, mas não podia dizer a ninguém, senão ia sair estiga.* (p.35).

O livro é uma narrativa escrita em prosa, aí reside o romance, um romance bem perto de uma crónica, só faltou os acontecimentos serem noticiosos de facto.

Por: Manuel Pedro Baca

O **Homem que plantava aves**, de Gociante Patissa, é uma colectânea de quinze contos, porém o décimo quinto **Por que é que a cauda de lagartixa cai?** é uma adaptação de fábula da cultura Umbundu. Mesmo sendo estórias diferentes, o autor soube harmonizá-las em factos históricos e não ficou de fora a realidade hodierna. Num linguajar bem a *mmvangolé*, o autor promove a língua nacional Umbundu e acarinha características próprias daquela cultura. O livro proporciona uma leitura que solicita a meditação sobre os valores morais e éticos, logo no conto inicial **A meia viagem do Senhor Serviço**, o autor coloca-nos diante de um homem de idade já avançada, desleal e traiçoeiro, vivendo ao tédio da reforma tardia e o exibicionismo do estatuto social de terceiros. Mas a alma da obra é o segundo conto **O Homem que plantava aves**, em memória do seu avô, o autor descreve as aventuras de Lumbombo/raiz, um homem residente de uma aldeia discriminatória, onde há lugar para todos serem felizes, menos para portadores de deficiência física, porque os nativos daquela aldeia acreditavam que deficiência paralítica é castigo dos deuses, por algo feito pelos ancestrais e tal maldição arrasta-se até aos seus descendentes.

Visto como inútil aos olhos da maioria, Lumbombo, ressentido de modo a provar seu valor, fortaleceu-se e soube contribuir para o desenvolvimento pessoal, e da comunidade, transformando o pátio de casa em uma permanente fonte de hortaliças e cereais, por isso passava o dia rodeado de aves, também aprendeu a escupir pentes de madeira, atraiu assim, às moças, mas, inicialmente manteve relacionamentos às escondidas para evitar julgamento, pois os nativos da aldeia credenciavam a deficiência como contagiosa. Lumbombo, corajoso e determinado, apesar de tudo indicar seu fracasso, triunfou em meio a sua maior virtude e defeito (determinação).

O autor emancipa a honestidade, a honra e a aceitação das imperfeições alheias, **tendo em conta que é sobre a honestidade e honradez que se constrói uma sociedade.** (p.24). Adiante, uma prenda demasiada profissional é colocada à prova, o profissionalismo de um homem e espera-se dele a competência, não a incompetência. Põe-se à mesa a discussão do conceito de profissional, dentre as opções acredita-se que o profissional é quem tem sofisticação no saber e nos meios para a tarefa que se propõe. De modo geral, o autor solicita a precaução dos bons modos sociais, a luta pela arrogância, machismo, infidelidade e cobiça, e isso é **Nossa Luta, Vossa Luta**, as histórias da guerra civil, os factos da dura realidade de outras nossas e vossas lutas foram relatadas pelo autor com

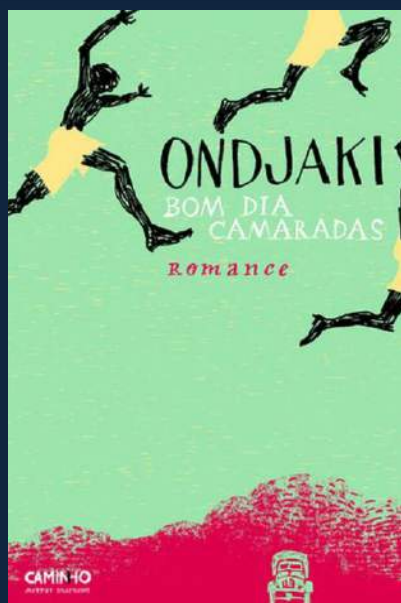


MICRO RESENHA

propriedade igual historiador profissional, lembrou-se da época em que o serviço militar era obrigatório, mas voltar a viver já era opcional. Desta forma singular, o autor seduz-nos até ao **Consultório número quarenta**, lá consultaríamos a construção de uma sociedade comprometida com sistema de justiça e saúde funcional, não disfuncional como a realidade que vivemos hoje. Parece que a licenciatura deles vale cinco vezes. **Eles só são licenciados, tipo eu! Como se já não bastasse, lhes chamar de doutor é secar à espera.** (p.68). A obra acaba sendo uma chamada de atenção às enfermidades sócias: **as ultrapassagens mal feitas; excesso de velocidade; embriaguez.** (p.136). A tripulação das enfermidades segue com a discriminação, desigualdade social e desonestidade. Atrevo-me dizer que a obra é um puxão-de-orelha para todos nós que somos defeituosos da conduta social.

Por: Rosa Kangombe

Palavras são insuficientes para descrevê-lo, é com certeza um exímio contador de histórias, e suas histórias estão repletas de muita emoção, Ondjaki é um escritor que dispensa apresentações, tem em seu repertório obras que são um mimo literário, e vem deliciando muitos leitores pelo mundo. Nesta obra em particular, **Bom dia, Camaradas**, a narração dos eventos é contada por um rapaz, que na inocência da idade consegue fazer com que o leitor se apegue facilmente à leitura e não pense em largar o livro sem que este esteja terminado. A obra traz consigo temas de suma importância, e a mestria com que o autor os desenvolveu faz com que qualquer leitor perceba qual era o pano de fundo e qual era a realidade que se vivia no contexto sendo narrado.



O conflito armado, a presença Cubana, os **mitos urbanos**, o calor, alguns factos históricos, privilégios, aventuras, amizades e muito humor à mistura são temas que Ondjaki desenvolveu de forma perspicaz, sempre usando um vocabulário perceptível e bem à moda angolana, abordando também de forma ornamentada sobre várias situações que durante anos aconteceram no país. Ondjaki fala de forma superficial sobre o conflito armado que se iniciou tempos depois à saída dos colonos. Na obra encontra-se também um exemplo da presença Cubana em Angola, sendo que alguns dos professores do protagonista eram Cubanos. A história orbita em torno da escola e da casa do personagem principal, cujo nome foi citado apenas uma vez e, ainda assim, suscita dúvida. Era uma personagem privilegiada, pois tinha um motorista, era filho de uma professora, seu pai trabalhava num Ministério, tinham um cozinheiro e familiares que viviam em Portugal, o que deixava muito claro sobre qual seria a classe social do personagem, ainda que não se tenha dado a devida relevância durante todo o enredo.

A obra é de facto um oásis de humor, Ondjaki tem como cartão postal um humor característico que, mesmo em situações dramáticas, conseguiu roubar do leitor um sorriso. **Bom dia, Camaradas** é tão-somente uma obra que requer atenção, embora a forma como a história foi contada seja, para muitos, interpretada de forma banal, ou não seja levada com muita importância de todo, pelo simples facto de ter sido narrada por um infante. Todos os temas nela abordados e acima referenciados são importantes e devem ser levados em consideração, pois é a partir deles que

MICRO RESENHA

muito se aprende e se atíça a curiosidade na pesquisa de acontecimentos passados e principalmente dos actos que não vivenciamos.

Num país, uma coisa é o governo, outra coisa é o povo.

Bom dia, Camaradas é um romance de Ondjaki que conta a estória das aventuras diárias de um rapaz, um ser curioso e engraçado no seu discurso, suas opiniões e indagações fazem crer que não era pouco crescido para ser considerado criança, nem tão crescido para ser comparado a um adulto, talvez fosse um adolescente na flor da idade. Luanda é o palco de toda a narrativa, tendo sido dividida entre o Largo das Escolas, onde se encontrava a escola do protagonista e a sua casa que dava a entender não ser tão distante da escola, tendo alguns outros lugares sido acrescentados enquanto a narrativa desenrolava, tal foi o caso do Largo 1º de Maio. O romance fala-nos de um adolescente estudante que vivia numa Angola ainda em conflito armado, conta de forma rasa sobre a guerra que envolvia cubanos, angolanos e sul-africanos, um pouco daquela que era a relação aluno e professor, bem como a importância da amizade e a dor das despedidas.

Sempre era o sol que me acordava.

O dia-a-dia do protagonista era baseado na sua ida e vinda da escola, sendo narrados todos os pormenores de forma delicada, desde o momento que o mesmo se levantava, ao processo de tomar o pequeno-almoço, ir à escola, ficar com os amigos e voltar para casa na hora do almoço. Sua relação com os parentes e amigos era boa, bem como o seu desempenho escolar. Aspectos como o calor, o mito do *caixão vazio* e a visita surpresa do Camarada Inspector (esta que acabou sendo o culminar da narrativa entre a chegada do *caixão vazio* e o pânico que se instalou na instituição) foram muito referenciados por serem partes importantes do romance. Muitos dos colegas do protagonista iam a pé à escola, o que fazia com que sempre estivessem a cheirar calor, sem falar da recorrente falta d'água nalgumas artérias da cidade.

Presidente em África, tia, só anda já de Mercedes, e à prova de balas.

O romance narra, também, a experiência de se estudar com professores estrangeiros, a ligação estabelecida entre professores e alunos, e as dificuldades por que ambos passavam: os alunos para entenderem o que os professores diziam e os professores para entenderem o que diziam os alunos, principalmente, quando estes de forma propositada discursavam disparates. O final do conflito armado, o medo do desconhecido, a tristeza que se dá na hora da separação e a importância de se conservar amigos para a vida são dentre muitos aspectos que marcam esse belíssimo romance.

Por: Rosa Kangombe

Tendo em sua constituição catorze contos e uma fábula, *O Homem Que Plantava Aves* é uma obra a que posso chamar de mapa, um guia onde se encontram inúmeros caminhos culturais e tradicionais, sendo particularmente a cultura Ovimbundu sublinhada de capa à capa desta obra. Gociante Patissa, para mim, um nome recentemente acrescentado a uma já longa lista de escritores conhecidos, levou-me a vagar às ruas de Benguela, enquanto o lia. Sua narração dos lugares e de alguns acontecimentos, faz com que os leitores percebam que, alguns dos seus contos foram vividos em primeira pessoa, assistidos *in loco*, ou ainda contados para ele (autor) por pessoas que estiveram diretamente ligadas aos mesmos, como é o caso dos contos *A Rua das Empregadas* e *Nossa Luta, Vossa Luta*.

Sua maneira simples de escrever não se abstendo de um vocabulário com palavras caras, mas com calão e uma pitada daquela que é a língua Umbundu tornam a obra numa relíquia de originalidade pitoresca. Os contos que nela se encontram são em linhas gerais a realidade angolana no contexto sul do país (embora cenas como a do conto *Não lavei porque os fios tão ocupados* sejam vistas em todo o território nacional), realçam a importância da cultura que é principalmente observada pela oralidade, sublinhando, aqui, os recorrentes provérbios que se podem encontrar na obra, bem como a narração de certos actos tradicionais, como é o caso dos julgamentos e de canções que variam em determinada actividade.

Encontramos em *O Homem Que Plantava Aves* temas como a violência, morosidade nos processos judiciais, preconceito, a injustiça da justiça, proveito do status sociais de outrem, assédio, cobiça, conflito armado, demora no atendimento ao público, machismo, tradições e costumes, dificuldades da vida, salário mísero, amor perdido, dívidas, lições de vida, trabalho doméstico, dentre outros que deixam a obra rica em conteúdo e, sem dúvidas nenhuma, fazem com que o leitor reflecta sobre os moldes que tem levado a sua vida e sobre como tem procedido com o seu próximo. A obra trata sobre episódios que aconteceram numa realidade da província de Benguela, a exaltação da cultura Ovimbundu é um grande *asset* da mesma, as lições dela tiradas servem para qualquer lugar do mundo.



MICRO RESENHA

Sou querida do meu pai, da minha mãe e do meu marido!

O *Homem Que Plantava Aves* é uma miscelânea de contos (e uma fábula) que têm Benguela como palco principal. O primeiro conto intitula-se *A Meia-Viagem do Senhor Serviço*, seguido pelo conto que dá título a obra e pelos demais contos que a seguir enumeramos: *Uma Prenda Demasiado Profissional*, *A que Ponto Chegamos*, *Oh Minha Vida!*, *Você Não Me Chame Querida*, *Nossa Luta*, *Vossa Luta*, *Consultório Número Quarenta*, *A Chefe e os Homens*, *O Julgamento de 1983*, *Rua das Empregadas*, *A Dívida*, *Ku-Duristas na Bahia*, *Não Lavei Porque os Fios Tão Ocupados*, *A Lenda do Soberano Ndumba* e *Por Que é Que a Cauda da Lagartixa Cai?*. Dentre todos os contos, dois seguem agora em resumo.

Não é com as pernas que corremos, é com o pensamento.

O *Homem que Plantava Aves* dá título à obra, contando a estória de um rapaz que, nascendo com deficiência física, tudo fez para que não tivesse a vida resumida numa palavra, **pena**. Após atingir a idade adulta e passando por várias dificuldades com a sua irmã, optou por trabalhar tendo com o tempo conseguido fazer fortuna, resultante de suas inúmeras cabeças de gado e pelo trabalho artesanal (fabricação de pentes) que fazia em casa. A obra tem esse título porque o personagem principal tinha em seu quintal uma horta que ele mesmo cuidara, a mesma tornou-se chamariz para todo o tipo de pássaros da região. Como todo o aleijado, preconceitos não faltaram tendo nunca conseguido arranjar uma mulher com quem desposar por conta de sua deficiência, pela aldeia era conhecido por sua força e por não ter desistido, apesar de todas as vicissitudes por que passou.

A Meia-Viagem do Senhor Serviço faz o relato da vida de Serviço, um cidadão que trabalhava como cobrador nos autocarros públicos tinha uma vida razoável e vivia com a sua companheira, recebeu de um primo o convite para o visitar, pois tinha conseguido um cargo na Administração Municipal. A odisseia de Serviço tornou-se meia viagem, pois, em vez de ir só, levou consigo um amigo e estavam com a ideia de ficarem por lá jiboiando às custas do primo, apercebendo-se de tal acto, o anfitrião criou condições para que na manhã seguinte voltassem para suas casas, e se de facto o primo Serviço o quisesse visitar que o fosse procurar em sua casa.

Não vale a pena discutir miudezas com múmias.

Final

Abraão César de Moura

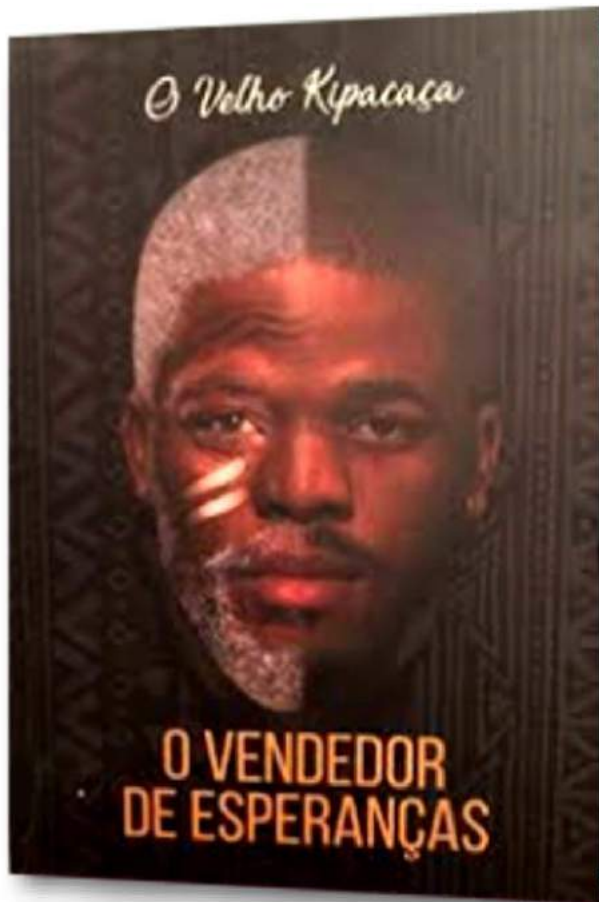
Glória Gaspar

Guiorival Carlos da Cruz Silva

José de Lima Manuel

Mad'alena Branco

Manuel Pedro Baca



Título do livro:

O Vendedor de Esperanças

Autor: Velho Kipacaça

Género literário: Prosa

Editora: Fontenele Publicações

Edição: 1ª.

Ano: 2017

Formato Físico

112 Páginas

Título do livro:

E Lá Fora os Cães

Autor: Ras Nguimba Ngola

Género literário: Prosa

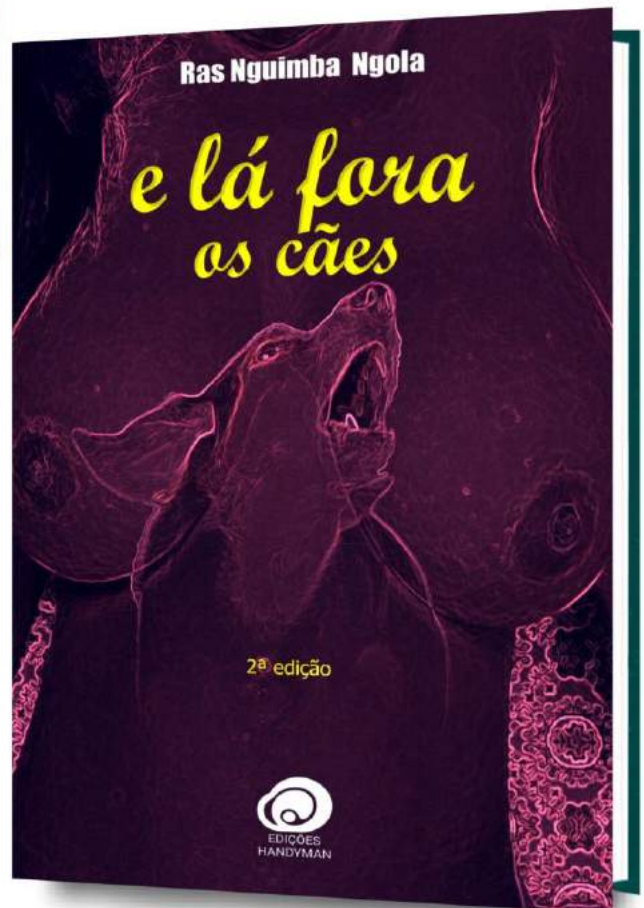
Editora: Edições Handyman

Edição: 2ª.

Ano: Novembro, 2020

Formato Digital

101 Páginas

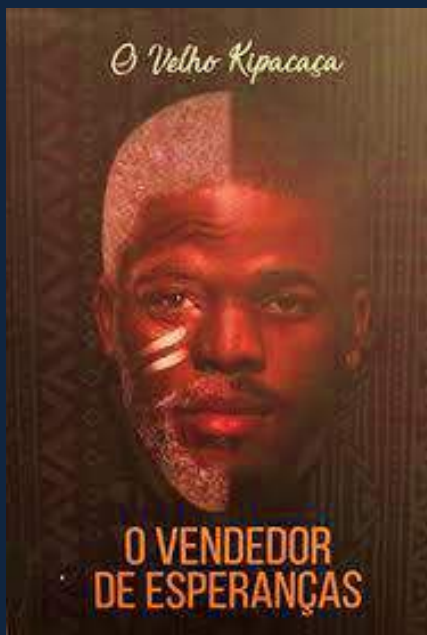


Por: Abraão César de Moura

A fé é a garantia das coisas que se esperam e certeza daquelas que não se vêem. (Heb. 11, 1). Eis a razão do **Vendedor de Esperanças**, cujo rosto é a expressão mais nobre e sublime na colaboração das respostas sobre a razão da nossa esperança.

Francamente, é o primeiro contacto que nos dispomos com a obra e a sensação nutriu a expectativa para quem vier a nos perguntar sobre a nossa esperança e **dar razão da mesma (esperança) a quem nos pedir** (1Ped. 3, 15) os motivos da mesma.

Na verdade, a simplicidade e as correrias diárias da vida, dos sonhos perspectivados pelos homens enquanto viventes e peregrinos desta *civitas* terrenas (cidade da terra), requer-se que os homens entendam a complexidade ordinária e extraordinária da vida para perceberem os motivos da sua própria existência. Com que instrumento? Com o da fé, que tem o seu escopo emanar os distúrbios que condicionam todo ser (corpo, alma e espírito), ora sanados, as certezas são clarificadas nas acções materiais e imateriais. Somente Ela é a garantia de tudo que perspectivamos no sono quando sonhamos.



Ora, o meu apreço ao Velho Kipacaca, no **Vendedor de Esperanças**, é pela elasticidade intelectual cuja bricolagem na obra, para além da sua história de vida pessoal e familiar, salienta a multifacetividade das práticas científicas usando a *fides et ratio* (fé e razão) como meios de proporcionar o *modus vivendis* (modo de viver) para a sua sobrevivência. Que genialidade!

Neste entretanto, **O Vendedor de Esperanças** é um sonho, um advento daquilo que se espera para uma vida melhor (o devir aqui é uma constância) e a reeducação de uma tragédia, vicissitude que se experimentou durante o tempo em que a vida não lho foi a favor...

A obra, cujo género prosaico é a sua forma literária, contém oito capítulos, percorrendo nas 112 páginas obedecendo o seu conteúdo sobre a esperança que no homem tem sido um fracasso. A intenção do Velho Kipacaca é que a esperança seja um *vade mecum*, cuja congratulação tenha o reforço da fé e um manto que afaga o mal, isto é, crer em um **Único Deus e que por sinal é o único património**

MICRO RESENHA

comum da humanidade (Vatic. II Unitate Reidintegratio). n'Ele e com Ele, a aflição regala e relaxa, porque o motor imóvel que faz mover (As cinco vias de S. T. Aquino). Deus representa a realidade do mundo em movimento.

Porém, pela sua veia obesamente genial, assemelho à obra *O Vendedor de Esperanças* com a *Spes Salvi* (Salvos na Esperança) de Joseph Ratzinger (Bento XVI), publicada em 2007. Quem espera, prospera sem desesperar, porque a razão da fé é a resposta dos objetivos perspectivados pela esperança. No entanto, *O Vendedor de Esperanças* não caminha só, é coadjuvado pelo conteúdo excelente da *Spes Salvi*, encontrando resposta na obra *fides et ratio* (fé e razão) que remata as angústias da vida (doenças, desesperos, opressão, burlas e calúnias e todas as situações tétricas) com juízos escatológicos, porque o homem não é só humano, tem uma realidade intrinsecamente divina que não somente se conhece pelos juízos abstractos, mas pela razão, a concretização é dada pela luz da fé. É este juízo que o transcende e o livra de todas as intenções bélicas e malélicas.

Todavia, a preocupação do Velho Kipacaça urge na necessidade de acreditar e confiar somente nas ricas vocações que a cada um foi proporcionado, daí surgem as Beneméritos Graças porque a esperança e a fé são os elementos que sustentam os nossos leves ossos. São os impulsos que nos levam a raciocinar e despertar os cinco sentidos (p. 13). É desta que originou a máxima em tudo daí Graça. E, esta fé que é a razão da nossa esperança justifica-se com as acções das nossas obras para que a vida sorria para todos assim como o sol possa também brilhar para todos (p. 35).

Portanto, o Velho Kipacaça dá um salto enorme e qualitativo rematando sobre as voltas e os desafios que a vida dá, e que, para ele, é um lembrete de que nesta vida, enquanto peregrinos, nem sempre a vida nos parecerá como um mar-de-rosas. E as ajudas que se poderão dar/fazer constam nos planos de uma razão salvífica. Porém, há que se ter em conta as obras, porque as mãos que ajudam outrem são as mais sagradas que os lábios que entoam muitas orações. (Sta. Teresa de Calcutá). É a obra da fé: a) autêntica, b) vivida e c) acreditada.

Resultado de quem espera:

a) Graças renomadas, b) Dádivas merecidas. Visibilidade: brilho no rosto e risos nos lábios de quem sorri.

Assim, o percurso da vida segue-se num marco gracioso de bem porque o advogado das causas injustas é o Senhor (p. 45). O Velho Kipacaça, no *Vendedor de Esperanças*, é a certeza de que os milhares motivos de resistir às lutas do dia-a-dia é perseverar, cujos motivos estão salvaguardados na esperança.

MICROLEITOR

Quando vi que caminhava em direcção à morte, decidi entregar minhas crenças ao primeiro que quisesse receber. Eu só precisava sair dali vivo. Mantive a calma e sempre obediente... em todos os males, tentações e perseguições que oprimem aos justos, a voz de Deus faz-se justiça na libertação. **O justo viverá da fé** (Heb. 10, 38). Daí, o Velho Kipacaça, pela fé, sobrevive fazendo reverência à soberania divina. Por isso, a excelência da obra é o testemunho da sua história que, por sinal, coincidiria com a de qualquer um.

Em suma, a esperança versus fé, no **Vendedor de Esperanças**, é o vector de qualquer homem a quem os sonhos são/foram desempregados a qualquer viagem (perspectivas de vida sem pontos cardeais).

Lendo o **Vendedor de Esperanças**, adquirirás do Velho Kipacaça a esperança em formato físico (sonhos prendados) num preço em virtude da sua (obra) fé testemunhada com os critérios da sua razão.



Por: **Abraão César de Moura**

Inclino-me perante a excelência de Ras Nguimba Ngola pelo atrevimento na primeira pessoa, exemplificando-se como vítima de usurpação amorosa. Daí, a caracterização do conteúdo como uma mera ficção. **E lá fora Cães**, não é a condenação, o julgamento e abominações da proliferação das práticas sexuais, mas a chamada de consciência às pessoas que exercem tais práticas sem contextos, profanando o corpo como um instrumento ou objecto de mera satisfação sexual, favorecendo, assim, as necessidades da carne, quando o desejo não está na atracção mútua que é necessariamente desejada por Deus, mas em despir a pessoa, em querer usar o sexo sem amor. Por esta razão, escreveu Karol Woytla (São João PAULO II), na sua renomada obra **Amor e Responsabilidade**, que o amor é dom de si, é a entrega total mútua e recíproca cumplicidade ao bem da pessoa amada. A semelhança à preocupação de Ngola.

Ngola percorre em tom luzente, clareando os seus sonhos (paixões) para satisfazer os apetites mais baixos que são os concupiscíveis (os chamados desejos da carne) numa linguagem literária, em 101, páginas com a forma literária prosaica, concordando com o seu conteúdo de ficções amorosas, usando as técnicas que em sociedades mais urbanas são visíveis aos olhos de quem pratica e aos de quem somente vê.

Porém, Ngola, considerando-se como o estraga lares e motor de satisfações sexuais, salienta-nos os perigos e constrangimentos que mais tarde consomem as forças devido ao uso excessivo e exacerbado da líbido, **quando a razão subentende-se e os nossos valores morais impõem limites** (p. 14). Por isso, para Ngola, a consciência advém antes da razão ser expressa, para compreender que sexo não é genitalidade. Assim, perceber-se-á **que cada homem ou mulher é assexuado em cada célula, em todo o seu ser** (p. 161). É desta maneira que **os homens e as mulheres devem conviver, não por causa do sexo, mas por causa da pessoa que tem o outro sexo**.



MICRO RESENHA

a consciência perde o medo de reconhecer o pecado, porque o que é pecado para uns, para outros é natural e relativamente ao sexo, também. Creio que o homem, enquanto carne, é escravo das coisas carnis, materiais, tais como comida, sede, sexo (p. 30). E o atentado ao pudor reveste-se destes mantos, brilhando-se de tentações. As razões são as mesmas que Adilson Salvador aponta no seu manual: *Porquê as mulheres traem?* Por necessidade de autoconfiança e pela carência. Assim, dá-se os motivos do corno, divórcio, depressão, desespero e abandono, porque o orgulho da insaciabilidade e o lucro fácil acompanham o ser inconvertido. Pior é a consciência de quem concebe tais males. Perante a isto, Ngola, fiel a sua inteligência esmiuçada por dentro, fornece-nos a compreensão que é *no matrimónio, onde o amor deve sobrepor-se à paixão. Nem todo o amor é sexual, mas o sexo deve apontar para o amor, para ser verdadeiramente humano e não animal* (p. 161). Ora, é nesta vertente que Ngola, adianta mais, dizendo que *fazer amor não é apenas um acto como qualquer outro, mas engloba diversas dimensões antropológicas, tais como aquela pessoal e impessoal* (p. 84).

A caracterização do dom de si, na amizade e na complementaridade, e esta razão de ser restringe-se na pessoa amada a quem a relação faz jus aos altares dos casais: cama, mesa e eucaristia (comunhão).

Por vários motivos de roubos e ambições, não há razões que justificam o mal, congratulando-se com a traição, estragando relações, machucando corações, favorecendo a voz dos deuses ao invés da de Deus. Por isso, eis o apelo: *arrependei-vos e convertei-vos*. E a consciência de Ngola que, na verdade, seja a implicação de alguém, manifesta a sua liberdade de confissão. *Aqui na terra se faz e se paga, ela era de outro homem, pagarei certamente* (p. 81). Aí sim, percebe-se que esperança da humanidade versus sociedade algum dia conhecerá a sua justa razão na conversão.

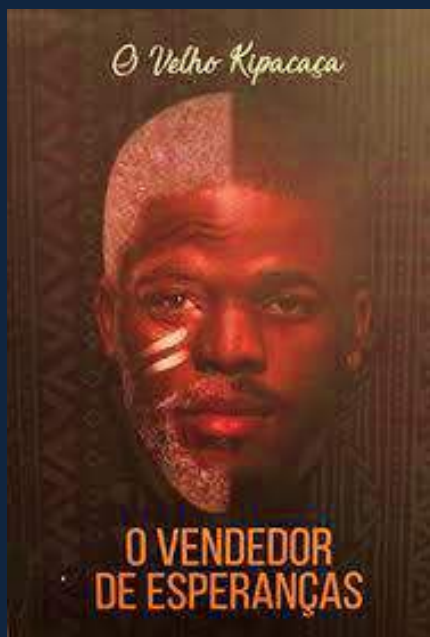
Contudo, para salvar a humanidade versus sociedade, nesta obra, é preciso reter: é importante que a virilidade integre e subordine a si os valores femininos e que a feminilidade se enriqueça com os valores masculinos. De qualquer forma, os dois sexos não estão feitos para viverem como o gato e o rato.

Vale ler...

Por: : Glória Gaspar

O *Vendedor de Esperanças* é um livro que nos leva a uma viagem emocional muito intensa. O personagem (Kahadi), com as suas acções, faz ressurgir em nós perguntas que nós mesmos não sabemos a resposta e leva-nos a indagações internas e muito tensas e traz-nos a mente o debate entre cultura versus feitiço versus religião versus a acção humana, enquanto nos mostra que, com acções cotidianas que consideramos mundanas, podemos mudar e influenciar a vida das pessoas.

Neste livro escorre mel das palavras e o doce deixa o leitor deliciado e completamente conectado à história, começa por nos vender o sonho de que até os piores momentos acabam e que, no final, tudo dá certo, mas o frustrante é que nem era o final e nem deu tudo certo.



Eu virei a página pensando que seria outra história porque o final do primeiro capítulo foi tão feliz, e me surpreendi ao perceber a continuação bem infeliz que se seguiu no segundo capítulo e é claro que a minha reacção foi (e com razão diga-se de passagem):

- É sério isso!?

O autor escreveu lindas palavras de amor nos últimos parágrafos do capítulo I sobre planos de vida, para depois começar o capítulo seguinte com:

A vida não sorri para todo o mundo (...). Acabava de ser demitido injustamente (...). Para completar a minha desgraça, a noiva a quem eu fiz um pedido de casamento traiu – me com um amigo, abandonando – me apenas com o sentimento e as alianças.

E eu só pensava:

- O autor destruiu completamente as minhas expectativas. Eu já estava nos *ohm*, e, ó meu Deus, que fofo! E foi-me lembrada que a vida nem sempre acontece como queremos, mas é um acumulado das decisões que tomamos. E neste caso um amontoado das decisões que o personagem tomou.

MICRO RESENHA

Tem um pouco a ver com o momento que o país está a passar, a pressão que os jovens se auto impõem e que a sociedade assina em baixo, a insatisfação do desconhecido, o peso das responsabilidades, muitas vezes o receio do que esperam de nós e do que nós mesmos esperamos de nós.

O nosso personagem, na procura de melhor oportunidade de vida e quase sem querer, viu-se numa situação em que, através das esperanças dos outros (já que as dele já haviam se dissipado), poderia tirar vantagem dessa situação e do desespero do próximo, é o nosso famoso mano da mixa, a pessoa que conhece tudo e todos e tem a solução milagrosa (só que não) para os nossos problemas.

Este livro testa a fé de cada um e leva-nos à reflexão sobre tudo e principalmente o mundo espiritual e no que cada ser humano acredita e se essa crença define ou não os caminhos que percorremos na vida.

Por: : Glória Gaspar

E lá fora os cães, o que dizer sobre este livro?

A melhor forma de contar uma história é sempre na primeira pessoa, pois é mais fidedigna a fonte e nesta história, com um contexto tão forte e por muitas vezes tão mal interpretado, a narrativa cria uma forte conexão entre o leitor e a história.

A vida sexual de alguém é algo tão íntimo que mesmo alguns pais não conseguem falar sobre ela com os filhos e é praticamente tabu nessa nossa sociedade então o personagem ter a coragem de contar a sua vivência, prática e consequência. Abre um mundo totalmente novo de possibilidades de perguntas e respostas, enquanto nos ensina que devemos ser senhores das nossas vontades e não o contrário.

E lá fora os cães é um livro que aborda a sexualidade sem fórmula científica e sem *frus frus*, fala a verdade nua e crua, por vezes demasiado nua e com certeza bastante crua, mas faz-nos entender esse mundo tão explorado, mas que a maioria das vezes de forma errada e inconsequente.

Em alguns momentos, a personagem mostra um conflito entre o que a sua consciência dizia e o que a sua libido queria, seria engraçado se não fosse trágico, pois, no final, (adivinha quem ganhou este conflito?) o prazer sempre vinha primeiro que a moral e quanto mais isso acontecia mais insatisfeito ele ficava.

É uma visão desinibida do sexo e da sexualidade humana e demonstra alguma irresponsabilidade por ignorar as consequências que este acarreta. E o pior (para o personagem talvez seja bom) é que o personagem tem sempre um jeito de se resignar com os seus pecados e ainda se justificar em detrimento do pecado dos outros.

Esse livro engloba tanta coisa que fica difícil resumir os pensamentos conflitantes que nos acomete depois da leitura de cada página.



MICRO RESENHA

Redesenha o contexto do amor (que não é tão puro assim), do sexo (que deveria ser mais consciente) e do poder que as palavras e a nossa crença nelas têm em nós.

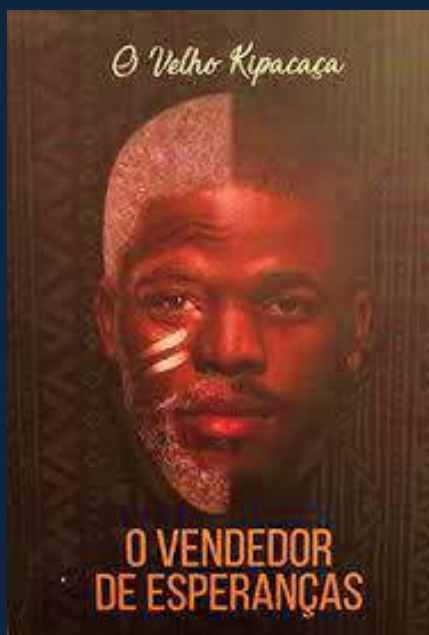
Faz-nos reflectir acerca da lealdade, do casamento e do relacionamento tanto entre casal como entre desconhecidos e em como a atracção tem um forte poder sobre o ser humano e que resistir a ela é uma luta do dia-a-dia que reflecte o nosso carácter.

Por: Guiorival Carlos da Cruz Silva

O *Vendedor de Esperanças* é um romance autodiegético e verosímil onde os factos coincidem com a realidade sócio-cultural de Angola, a mesma obra carrega consigo um alto valor antropológico, visto que encerra em si *modus vivendi* intrínsecos às tradições angolanas, sendo um balaio de encantos, vemos nascer nela um enredo intenso, conciso e de suspense inimaginável, tratando de possessão de um espírito dos seus ancestrais para o resgate da cultura.

A esperança é uma crença emocional na possibilidade de resultados positivos relacionados com eventos e circunstâncias da vida pessoal.

Pintalgando com génese de oralidade nas matrizes africanas, mormente angolanas, o arte-são de palavras e cultor de dramas Lady F. Mukeba, com pseudónimo literário Velho Kipacaça, dirigi-nos para uma obra de realismo mágico.



No cume de oito capítulos, excelentemente dá sua sabedoria na narrativa para nos conduzir a uma leitura prazerosa, sem vender ilusões estilísticas, é uma obra encerrada no pragmatismo do enredo e na delicadeza da sua concepção sem tender ao apocalipse do catarse, um sentimento ou estado atingido após a leitura deste belo romance.

Kahadi que do kimbundu significa sofrimento, justifica o porquê do nome no decorrer da narrativa - nascido em ambiente hostil de guerra, ele, ainda menino junto com a mãe Makessa Cabeça, ou simplesmente Sany de Malanje, fogem da sua terra natal Malanje e vêm para Luanda, palco de tristezas e alegrias, condessado ao misticismo e incredulidade pairada no seu seio.

Já em Luanda, a vida de Kahadi e Makessa corria em frenesi, dias de amarguras por causa dos maus-tratos que sofriam em casa da sua própria família, onde se mantinham para o seu sustento, um lugar de tremenda humilhação e deparável tratamento à dignidade humana, tais actos revelam a falta de altruísmo que corrói a sociedade, seguindo-se aos episódios de maus-tratos do seu padrasto Zangado, um homem que maltratava Kahadi vezes sem conta.

MICRO RESENHA

A aproximação a ceitas, religiões e crenças inicia com a prisão de Zangado, e a oferenda a uma igreja para a sua liberdade, Milagre de Deus. Ao longo de tal processo, fizeram pedidos que, ao ver de Kahadi, um homem sem fé, tudo era uma autêntica aldrabice. Ao facto, associa-se um fenómeno de espíritos e desmaios dos membros, mas, em Makessa, deve-se ao facto de herdar algo chamado kinjila, onde, segundo se sabe, a tradição é entregue e/ou passada de geração em geração.

Enamorou a felicidade e fez correr um sangue poético no corpo da obra, uma vitalidade poética da mesma: **seus cabelos crespos recitavam-me poesias excitantes. Os lábios rosa, mesmo sem se mexerem, convidavam-me a beijos constantes.**

Vítimas de falsas esperanças, foram ludibriados pelo Neves, vivia alegando que já não teria fé para continuar. Em Nzoji, a partir dum sonho e aparição do espírito, apareceu revigorado e sabia que algo lá fora o esperava.

Passou a vender esperanças: **Neves ensinou-me muita coisa. Devia considerá-lo um mestre, porque me treinou da pior maneira possível. Aprendi a ler as pessoas, a ver o interior delas, o seu âmago. Para mim, a maior parte delas é como os mendigos que, no engarrafamento, batem nos vidros dos carros e, à partida, já se sabe o que querem ou não. Querem sempre algo tangível ou intangível.**

A obra revela-se um cardápio para se servir do prato filosófico que mingua na obra, um recanto onde a dúvida é um meio para buscar a verdade.

O trágico, o mágico e o realismo sustentam os capítulos de possessão de um espírito encarnado em Kahadi, declarando por meio de um discurso que: **Nem ele mesmo tinha crenças nas esperanças que vendia. Tive de me apossar do corpo do Vendedor de Esperanças. Pela forma como ele estava não o podia deixar conduzir. A visão de Kahadi já estava embaçada e por pouco não dormia no volante, causava um acidente e morria. Na última vez em que levou a mão direita à boca para travar um bocejo já não era ele no seu próprio corpo. Era eu a ver com os olhos dele e a usar o seu pensamento.**

A partir daí, nasce o processo histórico e o apogeu da obra, a razão do suspense, o trama em evidência de qualidade literária no apocalipse.

Após ser apresentado ao Santo António, que Kahadi agradeceu por exigência da mãe, mostrando a importância dos rituais na construção de identidade cultural, vislumbrado como simples estátua sem saber o real significado da mesma.

MICROLEITOR

O ritual implicava gestos e requisitos para adultos, incluiu um desmaio onde pode ser feito um contrato com tal espírito que vive no fundo do rio kwanza, onde quis ser passado, presente e futuro. Criar uma passagem temporal para a minha existência de geração em geração.

A obra dialoga com a passagem de cultura, tradições. Um romance ficcional e realístico, moldando a consciência cultural dum povo cujo alguns valores se perdem e se firmam em falsas esperanças vendidas - à guisa de conclusão, nas entrelinhas sabe-se que a riqueza de um povo é cultural, espiritual, e identitária, a nossas culturas e o folclore são os tesouros desde os nossos antepassados, não sejamos alienados com falsas esperanças e vidas fáceis, cultivemos pois o amor as nossas raízes.



Convidados

Por: Guiorival Carlos da Cruz Silva

E lá fora os cães é uma novela de orgia e trágicos prazeres dos humanos, erotismo indelével e intenso advêm do enredo voluptuoso, um tramo de mera coincidência com a realidade, tem os tons de coito literário no gemido das palavras de Ras Nguimba Ngola, pseudónimo de Isalino Nguimba Ngola, nascido nos Dembos em 1976.

O entrosamento ficcional com a realidade subjacente à líbido é interligado as memórias de um homem viciado em sexual, ou não, a medida que o imoral para uns é moral para outros, o que a obra demonstra é a holisticidade sexual, o sapiosexualismo e as filosofias e ideologias que julgam o *modus* ou vida sexual de outrem comparando ao já postulado, quando na verdade a liberdade é tão prazerosa quanto o sexo, o tabu é tal como os dogmas, estes inibem qualquer prazer humano.

Jóia foi quem abriu o seu rio para o menino molhar o seu mastro, desflorando-lhe de mãos beijadas. Em seu mundo uterino jazia um vulcão em erupção de prazer mais excitante que toda moral: **Nossos valores morais impõem limites, mas, para Jóia, a fantasia de mexer em meu corpo era maior que a moral...O desejo da carne foi maior que a minha moral.**

A obra traz consigo múltiplos orgasmos de plurissignificação que nos remete a cogitar sobre a liberdade canina ante o sexo, sem restrições, moral, mas é o sexo no seu estado puro e de entrega de corpo e alma, total ao prazer. Sem aversões ao sexo, sem vilipêndios aos seus desejos naturais, eis o mundo ao seu belo prazer de volúpia; **e, lá, fora, os cães ladravam ferozmente. Também os *bunguladores*, os adúlteros, as prostitutas, os enfiadores de Kybionas e outras espécies pululavam na escura noite nos caminhos errantes da vida mundana.** Há uma língua que percorre o corpo da obra, lubrifica-a com poesia, inserindo-lhe a humidade das palavras: **O corpo dela, um artístico desenho pintado por um génio da arte, era um pedaço de fogo, as coloridas chamas aqueciam-me...vem meus caminhos estão abrasadores, vem em paz sentir os deleites da carne.**

A metamorfose e a personificação têm a carga estilística e uma retórica na obra, assim vislumbavam-se pessoas com aparências de cães e mulheres que pareciam cadelas. Com a



MICRO RESENHA

excitação no cume e lume, eis, nas entrelinhas, a libertinagem do coito e kamasutra ambulante: Fazer amor no local de trabalho, fazer amor com uma desconhecida, ver a parceira com outro homem, participar de uma orgia sexual. É, não só de sexo, mas de religião também à medida que se insere no pano de fundo questões inerentes as igrejas, a metáfora do livro antigo, o modo como é imoral, ante a entidade sacra, os fascínios e declínios de apregoadores desta vertente na obra que, como se sabe, alguns acabam cedendo ao desejo da carne, no caso a Chinha, futura pastora, e a jovem Judia que acabara por ser mesmo conseguida e, ao que se sabe pela fácil penetração, nem era virgem.

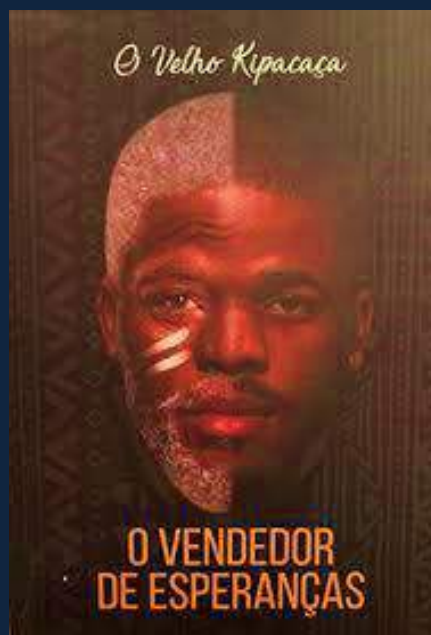
A vida seguia uma linha ténue com sexo, todas as aventuras possíveis, mas ainda assim de outra forma se viam as fragilidades psicológicas com que tais personagens se deparavam, vidas vagabundas, prazeres moribundos, insatisfações sexuais, apetite exacerbada, almas carentes, no final de tudo procuravam algum refúgio, alguns nas igrejas. O poder místico aparece como não quer nada, mas lá está a surripiar o presente e maldizer o futuro, tal se deu quando o jovem procurou uma kimbandeira para fazer feitiço de ter mais mulheres atrás dele e, ao que se sabe, foi-lhe dito que havia de pagar ainda vivo. Ainda por ter engravidado e não querer assumir, é rogado uma praga: **És um cão. O anjo te marcará com uma espada chamejante espada e verás.**

Seguem-se as orgias, hoje com a Sofia, amanhã com a Fobada, a Tesuda, a secretária, a prima, a Nucha, a sogra, o marido da amante, etc. Na verdade, o sexo, antes sagrado, agora é profano. Do sacramento ao mercado sexual, traz-nos, para reflexão, as consequências da infidelidade sexual, os crimes de índole passional são recorrentes. O adultério é uma faca de dois gumes apunhalada às promíscuas traições: O jornal da cidade publicou, no dia seguinte, a notícia **Pastor da igreja mata esposa traidora.** As mortes já o perseguiram, fatídicos acidentes seguiam-se, o último foi o da sogra que rebentou uma veia e teve um derrame, o desgaste psicológico tomava conta da sua mente junto com peso da consciência e o medo de uma possível vingança por parte do marido da sogra, um outro vagabundo, mas tal sogra e genro concordaram entre eles a orgia que a conduziu para um orgasmo mortífero. O destino anuiu com a praga que o anjo o marcará, no mesmo caminho desenhavam as palavras: **aqui na terra se faz e se paga, ela era de outro homem, pagarei certamente.**

Há orgasmos de cérebros erectos, uns em cúpulas literárias, neurónios em íntimas pegadas com as páginas do livro de latidos sexuais, filosóficos e religiosos. Toma de antemão a esterilidade viril da não leitura, até que palavras húmidas lubrificam o húmus de uma obra e vida de figuras anónimas, ficcionais, deveras reais - a ambiguidade material oscila nos meandros literários, não pelo abstracto surgimento da narrativa, mas pela incidência com a realidade, ora cabe a recriação o sentido do belo, estético, imagético e plurissignificativo. E no epílogo da obra o fim chega-lhe de forma dolorosa. Foi encontrado morto na sua cama, uma espada trespassava a alma dele. **MORRE, FODILHÃO, E VAI PARA O INFERNO.**

Por: José de Lima Manuel

O Vendedor de Esperanças, de O Velho Kipacaca, pseudónimo literário de Lady F. Makeba, é um romance angolano que narra a vida de Kahadi, enquanto protagonista da história, e os seus encontros naturais e ocasionais com Sany de Malanje, conhecida por Makessa Cabeça, sua mãe, uma senhora de temperamento muito elevado, Manda Uanga, sua tia, que maltratava Makessa, Zangado, seu padrasto, que era delinquente, Vizinho Mau, o oficial da polícia, tia Munich, amiga da sua mãe, Papá Touré, pastor sénior da Igreja Milagre de Deus, Neves, Sabrina, Beto e outras personagens enroladas na história da sua vida. Kahadi é um vendedor de esperanças, um jovem que, em função das dificuldades que enfrentava e dos problemas que passou, decidiu levar a vida vendendo falsas esperanças às pessoas como resolução dos seus problemas, mas de forma desonesta.



A obra está dividida em oito capítulos: Capítulo I **O sofrimento** (p. 13-34), Capítulo II **Um vendedor de esperanças misteriosos** (p. 35-50), Capítulo III **Nzaji** (p. 51-57), Capítulo IV **O homem lavado** (p. 58-71), Capítulo V **O kunanga** (p. 52-80), Capítulo VI **A cauda** (p. 81-90), Capítulo VII **Consequências** (p. 91-103), Capítulo VIII **O apocalipse** (p. 104-111). No final do livro consta um glossário de vocabulários (p. 112). O romance, de forma geral, discute questões como êxodo rural, relacionamento conjugal e familiar, violência doméstica, abuso e assédio sexual, delinquência, cultura e tradição ambundu, superstições, estereótipos à cultura Bakongo, o misticismo como mecanismo de resolução de problemas, doutrinas e crenças religiosas, esperança e fé, a mercantilização da fé, a teoria da prosperidade, falsas profecias e profetas, desemprego, o dilema entre moral e necessidade material e o imediatismo.

A obra traz uma percepção da problemática do êxodo rural no período de guerra civil em busca de paz, segurança e melhores condições de vida, como foi o caso de Kahadi e a sua mãe, que saíram de Kassualala, Malanje, até à capital do país, Luanda, por volta dos anos 1980. Ao chegarem em Luanda, confrontam-se com várias dificuldades que a vida citadina os colocava. Sua mãe sofreu violência por parte da irmã, enquanto trabalhava como empregada doméstica para o sustento. Este e outros problemas que foram acontecendo na vida

MICRO RESENHA

de Kahadi fizeram com que perdesse a sua fé e crença em Deus e, conseqüentemente, o transformou no vendedor de esperanças.

A obra permite fazer igualmente uma discussão filosófica sobre a esperança e a fé: Quando perdemos a fé e a esperança, tornamo-nos seres inúteis para a sociedade e para nós mesmos. Não servimos a nenhuma causa ou propósito. Tudo deixa de ter sentido. O coração bate, mas não o sentimos. O olfacto, a audição, a visão, o paladar e o tacto entram em curto-circuito. Se atingires este ponto da vida, considera-te morto. E, como alguém que se está a afogar, à primeira opção viável que aparecer, agarramo-nos para não morrer. Ninguém quer morrer. Até a pessoa que se enforca ou envenena não quer morrer. Estas pessoas querem uma segunda chance, por isso cometem suicídio (p. 13). O autor alimenta a estória com uma base central da filosofia cristã, como orientadora do caminho do bem.

Kahadi aproveita-se da fraqueza espiritual das pessoas para ganhar dinheiro de forma desonesta. O próprio Kahadi, sustenta a sua profissão de vendedor de esperanças, quando afirma que o ser humano vive uma busca de soluções palpáveis ou não. Busca de resolução para problemas onde não há solução. O ser humano é mimoso, chorão e pede sempre à Deus, enquanto fica de braços cruzados à espera que o seu pedido seja realizado. É a tal fé sem acção, a fé vazia (p. 71). É uma realidade actual e actuante nos dias de hoje, onde problemas como pobreza e desemprego são gritantes, muitas pessoas sentem-se desesperadas e dão ou fazem tudo e mais alguma coisa para se livrarem dessa exclusão social económica em que são alvos. Para além deste aspecto económico, Kahadi vendia igualmente esperança para resolução de problemas não económicos, como de saúde e de relacionamentos conjugais: O negócio era simplesmente vender esperanças aos mais desfavorecidos, aos ricos, pobres, saudáveis ou doentes, felizes ou tristes. Independentemente do estado social, moral ou físico, as pessoas tornavam-se um público-alvo deste negócio. Isto porque ninguém tem tudo na vida, e por mais que alguém tenha muito dinheiro, vai sempre faltar ou saúde, ou amor, ou beleza ou alguma coisa no seu mais pequeno detalhe (p. 91). A ineficiência na resolução de doenças nas instituições de saúde pública, por exemplo, faz com que muitas pessoas recorram ao misticismo como alternativa médica.

A obra é uma chamada de atenção a todos religiosos e não religiosos jovens, quanto aos cuidados a se ter com o imediatismo e o percorrer de caminhos fáceis para se alcançar determinados objectivos. Aos religiosos, alerta sobre ridicularização doutrinária e mercantilização da fé. Aos jovens alerta as constantes ondas de burlas que se têm registado actualmente, tendo em conta a situação vulnerável que muitos se encontram, pela ausência de um emprego condigno e ao imediatismo como um problema de consciência desta camada. É uma obra que permite uma leitura acessível, sem muita complexidade linguística que permite ser lida por qualquer detentor dum nível de linguagem existente. Mas a interpretação e o impacto dependerá do contexto e do sentido que cada um atribuir em cada estória narrada no livro.

Por: José de Lima Manuel

Ras Nguimba Ngola, nesta obra *E lá fora os cães* (2020), traz uma discussão provocadora sobre um assunto que, durante muito tempo, tem sido visto como tabu na lógica da educação da sociedade angolana, **o sexo**. E com ele, outros assuntos conexos como educação sexual, sexo e a moral, abuso e trauma sexual, sexualidade, orientação sexual, fantasias sexuais, incesto, adultério, prazer, masturbação e orgasmos sexuais feminino. A obra é baseada nas memórias eróticas do personagem principal que, de forma natural, conta várias histórias que teve como base o sexo.

A obra coloca a sexualidade e o prazer sexual feminino como um dos temas centrais da história: **Dizem os entendidos que a necessidade feminina de fantasiar sexualmente pode ser porque a imaginação compensa a impossibilidade de realizar todos os desejos sexuais, seja por inibição individual, seja por escolha consciente ou por alguma limitação cultural. O que quiser. O que não pode é realizar tudo. Cada um pode fantasiar** (p.14).

Numa sociedade patriarcal como é a nossa, falar de prazer sexual masculino abertamente já é complexo, quanto mais do prazer feminino? A obra pode ser entendida, implicitamente, como um manifesto do direito de expressar-se livremente sobre os ganhos do prazer sexual masculino, feminino ou de outra orientação sexual nas sociedades conservadoras.

Um outro assunto que acompanha toda obra, tem que ver com o sexo na lógica religiosa. Na verdade, a Chinha se esquecera que a Igreja da Verdade tinha um ritual com um sistema mais pesado, do tipo inquisição. O pecador apresenta-se diante de três ou mais juizes, geralmente os pastores da Igreja, e este conta os seus pecados detalhadamente. As questões sexuais são, na sua maioria, os casos explorados ao máximo. Um amigo conta que perguntas do tipo **fizeram quantas vezes?, quais foram as posições?** e **gostaste?**, assim por diante deixando em desconforto o réu e, em seguida, a subjectiva sentença suportada pela ideia de que é a decisão do espírito santo. Normalmente, a expulsão do seio da Igreja sem nenhum contacto social, até mesmo ao nível familiar, é um total desprezo que muitas vezes resulta em depressão, levando mesmo ao suicídio. O livro permite reflectir sobre a problemática da discriminação e preconceito do sexo nas doutrinas religiosas. A forma como a educação religiosa concebe o sexo pode se tornar num obstáculo para uma compreensão mais alargada e realista sobre a sexualidade.



MICRO RESENHA

Outro assunto que também é discutido na obra tem que ver com o adultério. É um assunto que é discutido muitas vezes na mídia e no quotidiano em *língua afiada*, mas muitas vezes com pendor superficial, recorrendo-se em perguntas fúteis como *o homem e a mulher quem mais trai?* Deixando de parte quase sempre a discussão sobre as razões e motivações que levam uma pessoa a trair o seu parceiro. Em jeito de tentativa de resposta a essa questão, a obra apresenta a seguinte hipótese: Muitas razões são apontadas para que os casais se traiam. Muitos fazem-no pela sensação de perigo, por vingança, geralmente as mulheres, outros ainda por necessidade de autoconfiança, pela carência, pelo novo, uns querem experimentar, uns ainda por acharem que a árvore do vizinho dá melhor fruto, por insatisfação, a cultura também pode influir muito e a lista pode continuar sem fim. Alguém me disse que está na moda trair, ouvimos muitas vezes que *cornos é sagrado* (p.40).

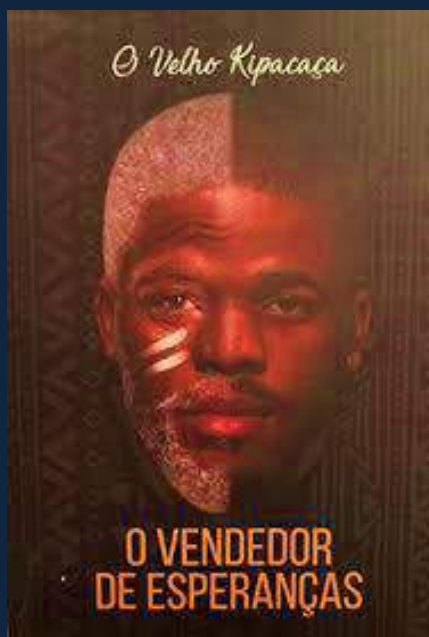
O incesto também é um assunto trazido nas memórias da personagem, fazendo, então, a chamada de atenção para um diálogo, para uma educação sexual no seio das famílias. Outro assunto provocador tem que ver com a homossexualidade, com realce aos *gays*. O livro provoca a moral e a religião sobre a forma como encaram esta problemática que, nos dias de hoje, vem se tornando cada vez mais visíveis, principalmente em função da abertura que as personalidades homossexuais têm tido na mídia e na arte. Deixando uma questão implícita: qual é o posicionamento actual da sociedade angolana sobre a homossexualidade?

Ao se deparar com esta obra, o leitor há que se estar despido de moralismos fervorosos, de preconceitos e pré-noções sobre o sexo, e estar dotado de uma neutralidade axiológica, defendida pelo sociólogo alemão, Max Weber, para uma compressão melhor e mais alargada sobre a dimensão psico-sócio-espiritual da obra.

A obra é um contributo para as áreas das ciências sociais, para que coloquem a sexualidade no cerne das suas pesquisas e reflexões, daí a razão da personagem fazer uma provocação aos psicólogos e sociólogos, sobre a importância que eles poderão atribuir as suas memórias sexuais descritas na obra.

Por: Mad'alena Branco

O Vendedor de Esperanças é uma compilação de oito capítulos descritos e relatados por uma fonte única, sem duplicações e em ordem cronológica prosaica na junção material, constituindo assim um sinal claro dos testemunhos aqui relatados estabelecidos em intercâmbios volúveis e inebriantes. É a combinação de uma narrativa autobiográfica e sermões filosóficos relatados na pessoa de Kahadi. Um jovem angolano que vê as suas esperanças e fé a serem reduzidas em fragmentos estilhaçados desde a tenra idade por cenários traumáticos, que de forma abrupta causaram uma pressão ulcerativa na sua alma e, conseqüentemente, após várias decepções optou, de modo controverso e visionário, exaurir-se e vender esperanças a pessoas que mantinham um culto fatídico ao imediatismo e após fazer uma quase fortuna recebe uma proposta de um ser indeterminado que lhe apresenta algumas modestas e bastante desafiadoras propostas que, em contrapartida, põem em causa as suas apologias relativas às crenças.



A extensão do texto teve dois aspectos: negativo e positivo, destrutivo e construtivo. A vida não sorri para todos, assim como o sol nasce, mas nem todos os países o têm ao mesmo tempo (...). No aspecto negativo, vemos as frustrações do narrador a se formarem desde a tenra idade quando o mesmo é marcado por imagens que figuravam o cardápio de uma situação psicologicamente "sangrenta" e hostil, causada por terceiros, com ações petulantes que, apesar de já não serem comumente vivenciadas em público nos dias de hoje, ainda vivenciamos situações como a injustiça social e a ostracização familiar nas diferentes esferas da vida na nossa sociedade. Este aspecto foi sequenciado por uma fase marcada por uma expressão visível de humilhação, maltratos físicos e psicológicos no seio familiar, profissional e sentimental do protagonista.

Esse conseqüente insucesso facultou-lhe um crescimento abrupto natural. E, numa abordagem construtiva, o mesmo decide oferecer mensagens de paz superficial, mesmo não carregando nenhuma consigo, obtendo sucessos materiais resultantes dos seus esforços visionários comerciais. Com isso, o autor nos mostra que o deixar ficar parado é estar propenso à perda do pensamento crítico e reflexivo sobre o que temos feito como alimento para a nossa alma. Acredito que, nessa

MICRO RESENHA

fase, a intenção do autor é de nos levar à reflexão em relação as nossas atitudes e posturas adoptadas, sejam elas no seio familiar ou sociedade e de como as mesmas que, muitas vezes em nada nos compensam, podem mudar significativamente a atitude comportamental de outra pessoa e, apesar de o personagem não ter optado por seguir a rota de fuga terciária que dá acesso à delinquência ou viver uma vida frustrada onde as águas afogantes são constituídas por álcool e ociosidade, aprendeu por si só e de modo acelerado a resistir as adversidades e erguer a sua própria muralha apologística, não escapou as amarras do trauma psicológico que a vida o proporcionou. A esperança é uma crença emocional na possibilidade de resultados positivos relacionados com eventos e circunstâncias de vida pessoal (...)

O ser humano, de modo particular o angolano, vive numa busca de soluções palpáveis ou não, mesmo que isso implique submeter-se aos perigos psicodépendentes que constitui a principal arma dos falsos vendedores de esperança. São míopes, e não prevêem os objectivos destes, que, na maior parte das vezes, tem sido triunfante a arte manifestada em alegóricas canções sedutoras provenientes das suas arpas teológicas. O povo tem uma forte propensão em não pensar de forma analógica. O autor frisa também sobre a problemática que se tem verificado ultimamente, a disseminação e proliferação das igrejas no nosso país e dentro desta tela apresenta-nos a escultura de uma sociedade juvenil ociosa, que almeja alcançar a realização material, mas ao mesmo tempo vai enterrando o que é mais importante, aquilo que é espiritual, submetendo-se, assim, as ninharias e ciladas dos falsos profetas, o que me fez questionar: a suposta receita monetária para a aquisição de bênção não é na verdade um impulso para nos esforçarmos? As pessoas tornam-se dedicadas diante das situações conflituosas, geralmente dão o melhor de si, fazendo até coisas improvavelmente impensáveis, coisas essas que se não houvesse uma promessa de vida melhor não o fariam. Após alcançar a esperada bênção, ainda devemos dar créditos a bênção divina? Não somos nós que fazemos as nossas graças acontecerem por conta do nosso esforço?

Em ápice, o autor convida-nos a reflectir sobre a verdadeira e falsa profecia e a importância de sermos esforçados, em como a obscuridade à sensibilidade moral do povo só produzem ruínas e frustrações. A retenção do pensamento crítico e o impacto ruinoso da seca espiritual são presságios das situações que têm acontecido nos dias de hoje. Reparemos que Kahadi não tinha qualquer mensagem pessoal para anunciar, apenas optou por não se deixar ficar pela ociosidade ou esperar por uma providência divina e, procedendo assim, ele caminhava para o desígnio do seu destino já escrito. A propósito, somos nós mesmos que fazemos o nosso destino? Outro desafio lançado pelo autor, é de fazermos uma introspecção, se assim posso dizer, sobre a crença da reencarnação e destinos traçados, uma abordagem carente de reflexões e discussões e, para terminar, astutamente o autor descreve um final suspenso nas entrelinhas.

Por: Mad'alena Branco

Existe uma linha ténue entre a manifestação sexual e a autoconservação. Em *E lá fora os cães*, o autor faz um relato explícito na voz de um personagem anónimo erudicente, que faz do prazer sexual uma apoteose ao narrar as suas memórias eróticas recônditas. Nesta narrativa, o autor brinda-nos com temas bastante pertinentes como a promiscuidade, principal característica do narrador, o adultério, as doutrinas religiosas ou igrejismos, se assim também quisermos chamar, e a perda dos valores morais e culturais descritos de forma fugaz e lúbrica.

E, se as advertências sobre os perigos da luxúria e a lascívia descritos no sexto e nono mandamento do livro antigo (Bíblia) fossem descritos de forma explícita?

A causa última de toda a actividade humana encontra-se nos instintos que representam uma espécie de ponte entre um mundo psíquico e o físico, pois, embora se enraízem e tenham a sua origem na constituição somática, são forças que se manifestam na vida psíquica. Ao descrever-nos o personagem, o autor traz consequentemente questões que possivelmente não têm sido abordados de forma aberta na nossa sociedade, apesar de que ultimamente temos vivenciado situações que em tempos constituíam assuntos penosos e peculiares, principalmente no seio familiar em função do nosso culturismo, levando muitos assim a buscarem de forma inquisitiva as questões relacionadas à sexualidade nos *média*, fazendo com que muitas vezes adquiramos informações deturpadas, apesar de essa não ter sido a realidade do nosso narrador que faz um paralelo entre os instintos sexuais e a autoconservação, apesar de ambas caminharem de mãos dadas, o que é religioso e o que é profano, os prazeres da carne e a devoção ao que é espiritual.



Cada um sabe a dor e a delícia de ser o que é! Ao contrário da autoconservação, os impulsos sexuais são muito mais flexíveis que, se não forem devidamente orientados, podem desviar-nos para o caminho da promiscuidade esquálida. O personagem, apesar de fazer uma busca insensata pelo que é espiritual, não consegue abster-se do que é promíscuo. O ser humano criou um conjunto de princípios que regem o nosso comportamento na sociedade que também podemos chamar de freio para os nossos desejos. A exemplo disto, o autor apresenta uma

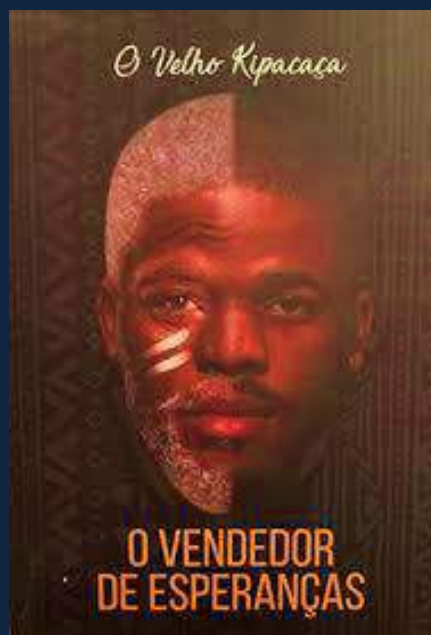
MICRO RESENHA

questão pertinente: *será a busca desenfreada pelo prazer capaz de tornar-nos irracionais ao ponto de olharmos para o nosso próximo como meros objectos de satisfação sexual?*

Na cidade, os valores morais e civismo serviam apenas de enfeite nos vários discursos, pois não havia referências morais (...). De forma prismática, o autor referencia uma era em que as mulheres tentam e querem freneticamente conquistar a autonomia sexual, visto que a educação tradicional desencoraja a mulher de verbalizar abertamente a sexualidade ou passar perto da afronta as autoridades. Nisto denota-se a contingência do autor em expressar de forma implícita a sua reprovação em favor do adultério, que tem atingindo as altas taxas de incidência no seio da sociedade por iniciativa feminina, principalmente. E, apesar de os cenários aqui terem sido retratados de forma esteticamente belas, contagiantes e ritmadas, não falta e nunca há-de faltar quem censure, a sociedade cultural nunca há-de aceitar isso. É estritamente reprovável o desvio de identidade feminina, não que eu esteja a enaltecer ou romantizar o adultério fomentado pelo género masculino, eles nunca serão qualificados como adúlteros, meretrizes e imorais ou apedrejados nas praças, mas sabe-se que, aqui na terra se faz e se paga. E, em cenários que oferecem ressonância aos mecanismos informais de censura comunitária por conduta e defeitos pela satisfação sexual, o último cenário é descrito de forma catalítica. A busca desenfreada pelo prazer acarreta consigo consequências devastadoras e, a exemplo de como geralmente tem sido o desfecho dos adúlteros na nossa sociedade, o nosso personagem não escapou a esse final ríspido.

Por: Manuel Pedro Baca

O *Vendedor de Esperanças*, de O Velho Kipacaça, é uma narrativa composta por oito capítulos de múltiplos géneros, desde o dramático, romântico, sobrenatural, terror e até erótico. O jovem autor, além do nome, é de facto velho na sapiência cultural, pois faz-nos percorrer caminhos improváveis de um sábio e jovem historiador. A obra é uma apreciação de **esperança e fé**, na visão do autor é uma análise sobre crenças sem desfavorecer ou favorecer alguma, mas creio que exalta o sincretismo fundido nas doutrinas da mitologia Hindu e Bantu. Acarinha os nomes de origem nacional assentes na cultura malanjina, além disso, descreve a curiosa necessidade cultural de os filhos serem nomeados de acordo à ocasião em que forem nascidos, igualmente relata outros factos sociais: o consumo excessivo de drogas lícitas, o vizinho autoritário, as propostas indecentes e os favores sexuais.



Também espelha a má aparência de um chefe de família, às nossas ruas empoeiradas, crianças descalças usando apenas cueca brincado inocentemente, as cubatas nas zonas rurais, a poligamia por lá, o número elevado de filhos, e as orientações bizarras de um quimbandeiro. O autor até simulou igreja promovendo milagres, com intenção de extorquir o irmão desesperado. Todos os fatos são ampliados em volta do protagonista “Kahadi” (Sofrimento), um aventureiro descrente das divindades espirituais desde a terra-idade, junto da sua sofredora mãe “Makessa-Cabeça/Sany-de-Malange”, maltratada pela própria irmã “Manda-Uanga” (Manda-Feitiço), e ele pelo padrasto “Zangado”.

Kahadi alimenta inúmeras feridas emocionais, após o término de um promissor romance e se tornar desempregado, mostrou-se desesperado, **desmotivado e desprotegido**

divinas e malignas que existem (p. 37). Foi alvo fácil de “Neves”, um falso vendedor de esperança, e a partir daí, Kahadi aprendeu que ser bom em oratória, mestre em persuasão, identificar o desesperado e dizê-lo exactamente aquilo que quer ouvir, é o necessário para vender esperanças. Após o aprendizado, teve um sonho estranho, sobrenatural, meio aterrorizante! Kahadi acorda entusiasmado como quem viu luzes para vender esperanças, ao passo que, a sua primeira vítima foi “Sabrina”, uma mulher de descendência brasileira, classe-média, intelectual e apta a tudo, para

MICRO RESENHA

resgatar o amor em seu doce lar. “Muhongo” kunanga (desempregado) e “Beto” enfermo de cauda (hemorróida), foram outras vítimas. Já frágeis e cansados, quaisquer garantias de milagre para solucionar os seus problemas, eles topariam. **Meus lábios e língua juntos proferiam palavras como se soubessem realmente o que ele queria** (p. 82). Kahadi tornou-se num falso profissional vendedor de esperanças, bem-sucedido, com mulher e filho, cheio de contactos e influências, mas o sucesso lhe transformou num alvo dos meliantes, depois de sofrer um sequestro, é colocado **ao ritual de agradecimentos aos Santos** meio ao ritual e ao desmaio de Kahadi, a narrativa é tomada por Santo António, um ser espiritual de origem Indiana assente na mitologia Hindu, mas que a sua espiritualidade se fundiu nas crenças Bantu, revela-se ao Kahadi, dizendo-lhe: **Eu sou o vendedor de esperanças (...). Eu, induzi-te à determinadas acções e fiz-te pensar que eras tu a agir, fiz com que conseguisses identificar a fragilidade humana e, na maior parte das vezes. Foste um falso vendedor de esperanças**” (p.108). O descrente Kahadi, no desespero e aflicção, tornou-se crente, porque não temos o controlo de todas as coisas, e nem tudo tem uma explicação científica. A espiritualidade existe e a Bantu vive em nós.

Por: Manuel Pedro Baca

E Lá Fora Os Cães, de Ras Nguimba Ngola, é um conto erótico de doze memórias interligadas, d'um ninfomaniaco que debicou mulheres gordas, magras, feias, bonitas, rabudas e deficientes, faltando-lhe apenas chinesa e indiana. Sem limitações de locais, parentesco, classe social, raça e género, não lhe escapou as solteiras, comprometidas, casadas, divorciadas, religiosas e mundanas. Num linguajar luandense e ousado, o autor proporciona-nos uma escrita singular. O erotismo ganha alma de um modo subtil, delicado, superelegante, meio poético, e bem restrito nos detalhes.

Além das relações sexuais promíscuas em razão da deficiência moral dos personagens, a obra é um prato cheio das enfermidades sociais contemporâneas tais como: o incesto, violação sexual, makumba (rituais malignos), atentado ao pudor, crime passionai/femicídio, abuso de bebidas alcoólicas, adultério e homossexualidade. O autor não deixou de fora o que parece ser o tema mais quente da actualidade: o fanatismo religioso. Num misto de espiritualidade e fantasias sexuais, a prostituição profana/comum e religiosa/sagrada, ficam em pé de igualdade, afinal, até na igreja promove-se orgias entre casados?! Essa é novidade! O autor também relata a incansável busca pela felicidade. **Creio que o homem, enquanto carne, é escravo das coisas carnis, materiais, tais como comida, sede, sexo, sentimentos ruins também** (p. 30).



Concordo com o autor, quando diz que, a vida é uma insaciável busca pela felicidade, e faz todo sentido, tanto sentido que, para os religiosos/cristãos a vida eterna no paraíso é o propósito de vida, enquanto o “anónimo” (personagem narrador), vê na busca constante pela satisfação sexual o seu propósito de vida, e ambos serão felizes caso concretizem às suas vontades. Então, cada um busca a felicidade do seu modo/jeito, no entanto, só os deuses têm o direito de julgar a conduta dos seus fiéis devotos, o julgamento dos deuses tarda, mas não falha. O “anónimo” escreveu as suas memórias e deixou depois ao cargo do “autor literato crítico” (personagem leitor crítico) de as publicar. A insatisfação sexual predominou o “anónimo”, quando a “Jóia” roubou-lhe a inocência e ofertou-lhe um bilhete só de ida ao mundo dos prazeres, amores e desamores, até lavou-se (ritual para torna-se irresistível). Conheceu a “Chinha” que o

MICRO RESENHA

pragou por conta da fuga à paternidade – *És um cão. O Anjo te marcará com uma chamejante espada, verás.* (p.33). Depois emprestou o seu fogo a catequista “Ana Sofia”, seu grande amor. Experimentou variadas técnicas de conquista, tornando-se num verdadeiro predador sexual, até foi aos cultos religiosos para engatar as donzelas. Viveu momentos de sexo intenso ao ar livre com a “tesuda”, mas foi com a “fobada” um caso relâmpago, que surgiram as makas/problemas iniciais. A culpa do assassinato da moça infiel o assombrava, ao ponto do seu pênis não corresponder aos estímulos da “Chutada”, e da “Nuncha” que lhe propôs tirar o dicudilo (sexo pós-parto). Seguiu errante, nem a “Judia”, outra fanática religiosa que tudo crê, e o “Mbaku” um homem com problemas de fertilidade, o salvaram. Talvez a “Lueji” seu romance mais durador o salvaria, mas bombo-molhou/estragou, quando se envolveu com a mãe da mesma, então, a praga seguiu intacta, até a “Concubina” infiel, namorada do “Anjo” que lhe proporcionou o trágico final. *Aqui na terra se faz e se paga, ela era de outro homem, pagarei certamente* (p.81). E certamente todos nós pagaremos pelos nossos erros e pecados, tarde ou cedo.



VENCEDOR

JOSÉ DE LIMA MANUEL



EDIÇÕES
HANDYMAN

Ouvir, ver e fazer!

